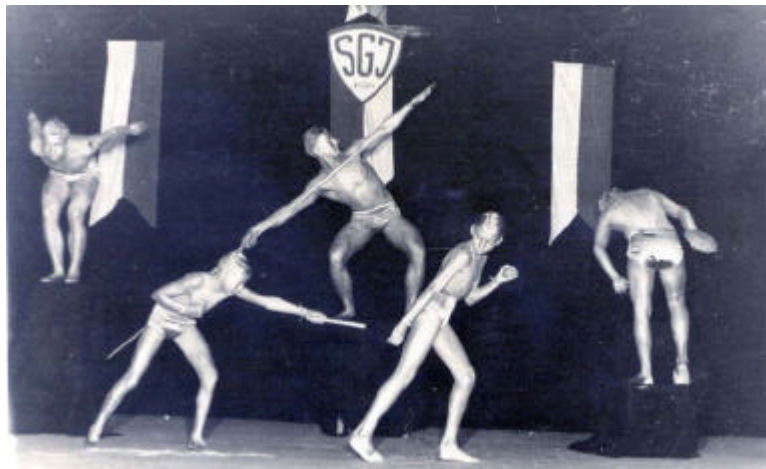


RAÍZES HISTÓRICAS DA GINÁSTICA EM JOINVILLE



por

MARCIA DE SOUZA PEDROSO AGUSTINI

Dissertação Apresentada à Coordenadoria de Pós-Graduação em Educação
Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à
obtenção do Título de Mestre em Educação Física

Florianópolis, SC

2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A dissertação: **RAÍZES HISTÓRICAS DA GINÁSTICA EM JOINVILLE**

elaborada por: **MÁRCIA DE SOUZA PEDROSO AGUSTINI**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora. Foi aceita pelo Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de:

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Área de Concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Em 17 de dezembro de 2002

Profº. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Coordenador do Mestrado em Educação Física

BANCA EXAMINADORA:

Profa Dra. Ana Márcia Silva (orientadora)

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Prof. Dr. Viktor Shigunov

Prof. Dr. Edison Roberto de Souza

Dedico este trabalho as minhas famílias
Pedroso e Agustini,
pelo apoio.

AGRADECIMENTOS

Sempre quando penso na realização deste trabalho, olho para cima e vejo muita iluminação.

Agradeço a Deus, por sempre iluminar meu caminho para a concretização deste trabalho.

Agradeço a Univille na pessoa da Reitora Prof^a Mariléia Gastaldi Machado Lopes e da Prof^a Mariluci pelo incentivo da concretização do curso do mestrado.

À Ana Márcia, minha querida orientadora, que com muito carinho, dedicação e paciência me ajudou a crescer como pesquisadora.

Aos meus professores do Mestrado Interinstitucional, pelo conhecimento e apoio em todo o caminho deste curso.

Aos meus colegas do Mestrado, principalmente meus colegas da turma de Joinville.

Aos meus colegas da Faculdade de Educação Física da Univille, pelo apoio, incentivo, dedicação e carinho.

À todos os entrevistados pelos depoimentos e informações.

E finalmente, agradeço a todos aqueles, que de alguma forma, colaboraram para que hoje eu pudesse estar vivendo este crescimento profissional.

“Os deuses criam-nos muitas surpresas:
o esperado não se cumpre,
e ao inesperado um deus abre o caminho.”

Eurípedes

RESUMO

RAÍZES HISTÓRICAS DA GINÁSTICA EM JOINVILLE

Autora: Márcia da Souza Pedroso Agustini

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Márcia Silva

O presente estudo buscou reconstruir as raízes históricas da Ginástica e sua trajetória na cidade de Joinville-SC, no período que compreende a história da antiga colônia Dona Francisca, onde aportaram os primeiros imigrantes europeus em meados do século XIX até a sua estruturação na Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville, na década de 1970 do século seguinte. Devido a escassez de bibliografia existente sobre este tema, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, qualitativa, aliando entrevistas, depoimentos e fontes iconográficas (desenhos e fotografias). No decorrer deste trabalho entende-se que as relações étnicas, os valores sociais, religiosos e educacionais e a luta pela preservação da cultura, ao ser melhor compreendido, venha auxiliar na construção de novas perspectivas de ensino da disciplina Ginástica no curso de Educação Física da UNIVILLE na cidade de Joinville-SC. Posteriormente, situou-se a disciplina Ginástica no contexto brasileiro e regional, enquanto prática corporal, divulgando seus primeiros professores, analisando os primeiros materiais e primeiras experiências pedagógicas. Nesta perspectiva, encontra-se respostas para a compreensão da Ginástica que se estende como articuladora de uma nova visão e postura da prática corporal existente no Brasil e de resgate da identidade étnica e cultural em Joinville-SC. Reconhece-se que com estas orientações, um caminho fique mais apropriado em (re)significar a Ginástica, discutindo suas possibilidades de desenvolvimento de ensino nas instituições escolares.

Palavras-chave: Ginástica, prática corporal, identidade étnica e cultural.

ABSTRACT

Historical data of the Gymnastics subjects in Joinville

Name: Marcia de Souza Pedroso Agustini

Advisor: Prof^a. Dra. Ana Marcia Silva

This research tries to reconstruct the historical data and the development of the Gymnastics subject in Joinville/SC, during a time period starting with the establishment of the D. Francisca Colony, in the middle of the XIX Century, when the first European immigrants arrived until as far as the founding of the Faculty of Physical Education and Sports, in 1970. Due to the lack of an efficient bibliography, a qualitative research was required, as well as interviews, testimonies and iconographic resources (drawings and photographs of the period). In this research it is accepted that ethnical relationship, social, religious and educational values and cultural aspects, while being well understood helped to develop new methodologies to be applied in the Gymnastics subject in the Course of Physical Education at the University of the Region of Joinville – Univille, in Joinville/SC. The subject was studied considering the national and regional context. Gymnastics was considered as a body movement practice, the first teachers and instructor were appointed and the first materials and pedagogical experiences were analyzed. Considering these aspects it was possible to get a better comprehension of Gymnastics as an articulatory subject for a new interpretation of the body movement practice in Brazil and its contribution for the identification of Joinville's ethnical and cultural identity. Due to the collected data it is possible that a new and more significative importance will be given to the Gymnastics subject while discussing new approaches of its teaching in education schools.

Key words: Gymnastics, body movements, ethnical and cultural identity.

ÍNDICE

	Página
LISTA DE ANEXOS	ix
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE IMAGENS	xi
Capítulo	
I. INDICANDO OS PASSOS DA CAMINHADA.....	01
II. AS CULTURAS EUROPÉIA E AFRICANA EM JOINVILLE: A GINÁSTICA COMO UM FENÔMENO DE CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL.....	11
A Construção de uma Cidade: A Contribuição das Diferentes Etnias	
A Organização Social e Política de Joinville	
A Ginástica em Joinville: O papel das Sociedades	
A Ginástica Alemã em Joinville e suas perspectivas de Educação do Corpo	
III. JOINVILLE E O INVESTIMENTO NUMA PERSPECTIVA DE GINÁSTICA: O CASO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS.....	54
Contexto Brasileiro e suas Relações com a Educação Física	
A Fundação da Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville: A construção de um marco para a Ginástica no Estado	
A Ginástica no Currículo do Escola Superior de Educação Física e Desportos: Uma perspectiva de sua construção	
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVANDO A GINÁSTICA EM JOINVILLE.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS.....	84

LISTA DE ANEXOS

Anexos	Página
1- Parte do livro comemorativo da fundação da S. A. G. J.....	85
2- Resolução Nº 69.....	91
3- Programa da disciplina de ginástica.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro	Página
1- Relações Entre Etnias e Suas Características.....	19

LISTA DE IMAGENS

Imagem	Página
1. Ginastas pintados de dourado (capa).....	i
2. Um dos primeiros desfiles pela cidade.....	25
3. Evento cívico com crianças e adultos.....	27
4. Desfile cívico em frente ao hotel central.....	29
5. Ginastas em roupa de gala com a bandeira da Sociedade.....	30
6. Baile com apresentação de Ginástica.....	34
7. Desfile dos ginastas em evento da cidade.....	35
8. Apresentação de mulheres em grupo.....	36
9. Apresentação das mulheres.....	37
10. Desfile de clube com a bandeira da suástica.....	38
11. Exercício Ginástico na barra fixa.....	39
12. Exercício Ginástico no cavalo.....	47
13. Apresentação de homens e mulheres em trios.....	51
14. Início de uma aula mista.....	61
15. Ginástica Feminina com instrutor.....	62

* Todas as imagens obtidas para este estudo foram coletadas do Arquivo Histórico da Sociedade Ginástica de Joinville, datadas em 22 de agosto de 2002.

CAPÍTULO I

INDICANDO OS PASSOS DA CAMINHADA

As questões que movem o desafio desta pesquisa têm seu ponto de partida em nossa história de vida e no cotidiano das escolas nas quais desenvolve-se esta proposta de trabalho, inclusive no ensino de graduação. Estas questões remetem a uma reflexão constante sobre a área da Ginástica e sua história de construção na região de Joinville.

Esta preocupação é reforçada quando se estabelece uma comparação no que se refere ao trabalho pedagógico desenvolvido com os escolares, pois a Ginástica tem sido desconsiderada nestes espaços, em sua contribuição para o desenvolvimento e formação dos escolares.

A ginástica tem sido uma disciplina básica na formação profissional em Educação Física, compondo a grande maioria dos currículos das Escolas Superiores Brasileiras. Este é um dos fatores que justificam e apontam a importância de uma pesquisa de reconstrução da história da ginástica, visando melhorar a qualificação, a instrumentalização e a conscientização dos profissionais, tanto quanto percebê-la como uma contribuição para que os alunos compreendam o contexto social e histórico no qual estão inseridos, por meio da reflexão crítica e renovação da prática pedagógica existente.

Ao entrar na faculdade na década de 1980, iniciaram-se estudos com uma professora de Ginástica que, pode-se dizer, era característica daquela

época. Tinha uma postura que era considerada maravilhosa, magra em seu traje usual que era um *collant*, sapatilhas e cabelos amarrados do tipo “rabo de cavalo.” Os alunos eram orientados para ter uma postura firme e vertical, além de um comportamento que era padronizado para todos em sala de aula: não falar, executar somente os exercícios que ela determinava e quando os determinava, para complementar os estudos tinha-se que desenhar todos os exercícios em um caderno exclusivo para tal. A disciplina era rigorosa, mas todos os alunos já estavam acostumados com estas atitudes, porque faziam parte do cotidiano das pessoas daquela época. O método de avaliação era ora qualitativo, ora quantitativo com ênfase na execução dos movimentos padronizados.

Apesar de não gostar das atitudes e do sistema da professora, a identificação com os movimentos ginásticos foi imediata. Até hoje, considera-se uma das práticas corporais mais fascinantes da Educação Física, por acreditar que, se for bem orientada, tem a possibilidade de ajudar o ser humano em sua formação e desenvolvimento, atuando diretamente sobre sua corporeidade. Fora este entusiasmo, uma questão se colocava: por que aceitar um sistema e uma metodologia tão rigorosos como este da professora de ginástica citada?

Apesar de não ter respostas concretas, há alguns indícios que podem ajudar a responder esta questão:

- filhos da ditadura, a formação de nossa geração foi nos moldes de uma educação militarizada;
- tinha-se esporte o tempo todo, mas os exercícios ginásticos eram imprescindíveis e adorava-se executá-los;
- os métodos utilizados em aula eram os métodos vigentes da época (ginástica feminina moderna, calistenia, método desportivo

generalizado, dentre outros); métodos que demonstravam muita disciplina, ordem e movimentos sistematizados. Não havia nenhuma preocupação com a individualidade das pessoas. Era-se cópias perfeitas de sistemas importados e executava-se os exercícios tal como foram estruturados por seus idealizadores.

Por um lado, busca proporcionar um enriquecimento na compreensão deste tema para os alunos com os quais se trabalha; por outro, sedimenta o “gosto” pela pesquisa e a visão sobre a importância da ginástica no contexto histórico da região de Joinville.

Ressalta-se que neste município se encontra, ainda em funcionamento, uma das primeiras Sociedades de Ginástica Alemã da América Latina, fundada em 1858, além de ter sido fundada nesta cidade em 1970, o primeiro curso superior de formação profissional de Educação Física de Santa Catarina, sistematizando nos processos de ensino os métodos europeus citados anteriormente, formando as primeiras gerações de professores que fundarão as outras faculdades de Educação Física no restante do Estado.

Estes são interesses que têm-se compartilhado no meio acadêmico, descobrindo novas possibilidades que se traduzem na realização desta investigação.

Foi, no entanto, ao cursar o Mestrado em Educação Física que obteve-se a oportunidade de aprofundar os estudos historiográficos da ginástica, quando em contato com os livros, documentos, depoimentos e fotografias da história da cidade. A inquietude em relação ao papel de professor do 3º Grau, além do ensino fundamental e médio, quanto aos vários significados que a ginástica impõe, levaram a tal pesquisa.

Para superar estas inquietações, têm-se como objetivo principal, reconstruir as raízes históricas da Ginástica em Joinville e sua trajetória na cidade, no período que compreende a história da antiga colônia Dona Francisca onde aportaram os primeiros imigrantes europeus em meados do século XIX até a estruturação da Escola Superior de Educação Física e Desportos na década de setenta do século seguinte. Entende-se que este caminho percorrido pelos imigrantes desta e de outras etnias, de tanta vontade de sobreviver, de tantas saudades, de tantos valores sociais, de luta pela preservação das suas culturas e de muito conhecimento, ao ser melhor compreendido, venha auxiliar na construção de novas perspectivas de ensino nesta área. Assim, busca-se no referencial teórico e no levantamento de dados empíricos, os elementos que darão sustentação para o processo de investigação e que se subdivide, nesta pesquisa, em alguns objetivos específicos:

- Analisar alguns elementos sociais e políticos no confronto de diferentes etnias, no contexto histórico de constituição do município de Joinville;
- Analisar a Ginástica Alemã como elemento de Educação do corpo e de manutenção da identidade étnica e cultural em Joinville;
- Compreender as relações entre a história da Ginástica em Joinville e a fundação da Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville.

O que se percebe é que o atual momento social e histórico do país não está mais atendendo aos objetivos da Ginástica desenvolvida com estes métodos europeus. Alguns estudos mais recentes em torno da Ginástica, aparecem evidenciando uma (re) significação da mesma, especialmente para o trabalho escolar. Uma dessas possibilidades educacionais, seria a inclusão da chamada Ginástica Geral dentro das atividades da disciplina de Ginástica do curso de

Educação Física da Univille ou incluí-la como um projeto de pesquisa da mesma Universidade. A Federação Internacional de Ginástica criou, no final da década de 1970 e início de 1980, um Comitê Técnico de Ginástica Geral, referindo-se as atividades gímnicas que não possuem caráter competitivo. A terminologia foi escolhida por apresentar palavras que possuíam a conotação de “Ginástica em Geral”, atividades gímnicas em suas bases; e também por apresentar um termo que tivesse fácil tradução nos vários idiomas, pois o termo é fruto de uma expressão cultural de movimentos utilizados em vários países, em diversas federações filiadas à FIG.

A Ginástica Geral entendida por Souza (2002:01): “ É uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da Ginástica, integradas às demais formas de expressão do ser humano, de forma livre e criativa.” Sem fins competitivos, estas práticas corporais proporcionam infinitas experiências motoras podendo ser usada pela maioria das pessoas, de diversas idades, porque não dependem de uma técnica rigorosa dos movimentos veiculados.

O mais importante para esta forma de Ginástica é experimentar os movimentos com prazer, estimulando a criatividade, a interação social e a cooperação mútua; incentivando a Recreação com resgate da cultura e compartilhamento de novas idéias.

Outra autora que confirma esta concepção, é Ayoub (1998:85-86) que visualiza alguns pilares fundamentando a Ginástica Geral:

- não tem caráter competitivo e abre perspectivas para o divertimento, para o prazer, para a simplicidade, para o diferente, para a participação irrestrita, para todos;

- promove a integração entre pessoas e grupos e desenvolve o interesse pela prática da Ginástica com prazer e criatividade. A ludicidade, a liberdade de expressão e a criatividade fazem parte do processo da prática da Ginástica Geral;
- _ sendo uma manifestação gímnica utiliza elementos ginásticos que não possuem regras rígidas preestabelecidas abrindo um leque de possibilidades para todos os alunos participarem. Não determina a idade, gênero, número, condição física ou técnica dos participantes, tipo de material, música ou vestuário.

Portando, Moskovitz (2002:01) complementa que: “A Ginástica Geral é uma celebração do movimento humano. Ginástica Para todo mundo.”

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa se caracterizaram como sendo uma pesquisa histórica de análise documental, de revisão bibliográfica e enfoque qualitativo.

Os investigadores qualitativos tentam analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando, tanto quanto possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos e assinalam cinco características fundamentais para a pesquisa qualitativa:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave;
 - A pesquisa qualitativa é descritiva;
 - Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente;
 - O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa.
- (BOGDAN, 1994)

Utilizou-se a forma descritiva para elucidar os resultados obtidos, por esta pesquisa ter como objetivo fundamental a descrição das características de determinada população, e informar ao pesquisador sobre situações, fatos opiniões ou comportamentos que têm lugar na população analisada. A pesquisa descritiva de acordo com Triviños (1987:110): “ Pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade.”

A pesquisa bibliográfica será utilizada para dar sustentação ao objeto de estudo proposto. Consiste na procura de referências teóricas publicadas em livros, artigos, documentos, para analisar as contribuições científicas ao assunto em questão. Porém adverte Gil (1999:66) que: “Na elaboração da pesquisa bibliográfica convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar diversas fontes, cotejando-as cuidadosamente.”

A pesquisa terá melhores resultados se também forem coletados os dados no campo, ou seja, onde acontecem espontaneamente os fenômenos pesquisados, sem a interferência do pesquisador sobre eles. A pesquisa de campo entendida por Marconi (1999:85): “ É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.”

Tendo em vista a natureza da pesquisa, optou-se na elaboração de entrevistas semi-estruturadas, tendo como finalidade possibilitar a ampliação de informações acerca do estudo. A entrevista estruturada entendida por Triviños (1987:146): “ É aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados

em teorias e hipóteses , que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante.”

Nesta pesquisa, há a possibilidade de registrar o depoimento de alguns ginastas que praticavam exercícios na Sociedade Ginástica de Joinville, no início do século passado como também dos primeiros professores de Ginástica da primeira Escola de Educação Física do Estado, analisando os primeiros materiais didáticos e suas experiências pedagógicas.

O roteiro foi elaborado de forma bastante flexível, respeitando-se o ritmo do entrevistado e estimulando-o a discorrer sobre o assunto. As entrevistas ocorreram da seguinte forma:

- foi marcado encontros em horários pre-estabelecidos;
- as entrevistas ocorreram individualmente;
- fez-se uso de gravador e posterior análises das falas.

Na coleta de dados foi aplicada a técnica de triangulação que objetiva abranger a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo; parte de princípios que sustentam que é impossível conceber a existência isolada de um fenômeno social; e que o interesse deve estar dirigido, em primeiro lugar, aos processos e produtos centrados no sujeito; em seguida, aos elementos produzidos pelo meio do sujeito e que têm incumbência em seu desempenho na comunidade e, por último , aos processos e produtos originados pela estrutura sócio-econômica e cultural do macro organismo social no qual está inserido o sujeito. (TRIVINÕS, 1987)

Outro procedimento de coleta de dados foi a Análise Documental. Foi feita uma análise de documentos escritos ou não da Sociedade Ginástica de Joinville,

no Arquivo Histórico de Joinville, sendo que descreve Marconi (1996:37): “Constituindo-se o que se denomina de fontes primárias.” Como fontes secundárias o autor indica como sendo aqueles “transcritos de fontes primárias contemporâneas”, e utilizar-se-á de estudos baseados em relatórios de pesquisa, teses, livros e artigos. No entendimento de Gil (1999:66): “A pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.”

Considerando-se as características das respostas, a trajetória de participação dos entrevistados e da análise documental da pesquisa, os dados e informações serão analisados e interpretados de acordo com os princípios conceituais da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977).

A análise de dados tem por objetivo organizar e sumarizar o que coletou para que possibilite o fornecimento de respostas ao problema proposto. A interpretação objetiva a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito ligando os dados a outros conhecimentos anteriormente obtidos. (GIL, 1999:168)

Também na pesquisa foi utilizado fontes iconográficas abrangendo documentações por imagens, (desenhos e fotografias). Especificamente a fotografia, enquanto fonte histórica, é salientada por Kossoy (1989:29-31) escreveu que:

Esta fonte reúne um inventário de informações acerca daquele preciso fragmento de espaço /tempo retratado. Informa que toda fotografia foi produzida com finalidades, faz parte do passado. Quando produzida com uma finalidade documental, representarão sempre, um meio de informação, um meio de conhecimento que conterão sempre seu valor documental, iconográfico.

Para este estudo, foi necessário basear-se em alguns autores que estudam a história da Educação Física e Desportos, e que entende-se que conhecer o passado é não ter a pretensão de propor idéias acabadas e consensuais. Ressalta Neto (2001:01) que: “Revela-se o comprometimento

político - pedagógico em favor do conhecer o que fomos, o que somos e especular sobre o que poderemos vir a ser.”

CAPÍTULO II

AS CULTURAS EUROPÉIA E AFRICANA EM JOINVILLE: A GINÁSTICA COMO UM FENÔMENO DE CONSTRUÇÃO E MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA E CULTURAL

Este capítulo busca abordar as grandes contribuições que as culturas européia e africana trouxeram para a cidade de Joinville, ressaltando os seus costumes, conhecimentos, as suas esperanças e expectativas. Esta reconstrução histórica vai buscar suas origens no século XIX, para que a compreensão das idéias seja mais completa.

Quando os imigrantes europeus alemães e suíços chegaram na região, já encontraram pessoas instaladas em propriedades, algumas brasileiras de nascimento, e outras pertencentes à cultura européia - portugueses e franceses. Ainda no século XIX, esta região vai receber as contribuições dos negros, africanos e seus descendentes, que paulatinamente mostraram aspectos de sua cultura e que, em função da escravidão, foram diferenciados das demais culturas.

Serão ressaltadas estas contribuições para compreender se a Ginástica, tema central desta pesquisa, com seus princípios e métodos trazidos inicialmente pelos imigrantes alemães e suíços organizados na Sociedade Ginástica Alemã, estabeleceu uma dinâmica social própria, a partir das práticas corporais, com outras sociedades de Joinville de origens étnicas diferentes, tal como se discute mais a frente.

A Construção de uma Cidade: A Contribuição das Diferentes Etnias

“A história da colônia Dona Francisca começa com o princípio *consuetudinário*, fundada nos costumes que a família imperial brasileira tinha por tradição segui-los.” (PIAZZA, 1983:341). A Lei Nº 166, datada em 25 de setembro de 1840 é que estabelece que as princesas irmãs de D. Pedro II, na idade de se casar, teriam vantagens econômicas e financeiras da Nação .

Um príncipe navegador com o cargo de Contra –Almirante chamado François Ferdinand Phillipe, Príncipe de Joinville (1818-1900), retornaria ao porto do Rio de Janeiro, após três anos de sua última viagem neste local. Era para se casar com a princesa Francisca (1824-1898) que, além de ser bela, ainda possuía um dote de 25 léguas quadradas de terras situadas na Província de Santa Catarina. As terras foram escolhidas no distrito de São Francisco, pelo amigo e procurador do príncipe Léonce Aubé, entre 1845 e 1846 e completa que, todas as exigências foram cumpridas no processo demarcatório pelo Decreto Lei Nº 289 de 9 de agosto de 1843 que estabelece o contrato nupcial. (OLIVEIRA, 1984)

Já pensando em algum benefício para o futuro povoamento, o chefe da comissão, o Tenente Coronel do Corpo de Engenharia Jerônimo Francisco Coelho, constituiu a demarcação em áreas ainda não povoadas. Ao fazer a demarcação de terras, o engenheiro Jerônimo Coelho teve o cuidado de demarcar terras completamente desabitadas, pois já existiam muitas famílias luso-brasileiras e francesas que moravam as margens do Rio São Francisco e se utilizavam da agricultura de subsistência, pesca e frutas nativas da região .

São Francisco começou com o recebimento de terras da Coroa Portuguesa para Manoel Lourenço de Andrade e para sua família e seus

escravos, com o intuito de colonizar e criar populações estáveis. Em 1847, quando foi elevada a categoria de cidade, São Francisco já desfrutava de certo desenvolvimento agrícola, chegando a ter grandes propriedades rurais. Mantinham constante comércio com outras cidades, principalmente a cidade do Rio de Janeiro.

Em 1851, ano de fundação da Colônia Dona Francisca, São Francisco era conhecida como a cidade de Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco, e já se constituía como a terceira cidade em população, comércio e indústria, tendo 8.176 habitantes, incluindo 1.280 escravos.

A cidade produzia assim os gêneros de primeira necessidade. Produziam farinha de mandioca, aguardente e tinham barracas consideradas de ótima qualidade com grande abundância. O porto possuía condições favoráveis para ancorar grandes navios e os carpinteiros francisquenses ocuparam-se de construir embarcações, pois possuíam uma magnífica baía que se comunica com a lagoa Saguau que deságua no Rio Cachoeira onde a colônia Dona Francisca se instalou.

Destaca-se ainda que, antes da instalação da colônia que originaria a cidade de Joinville, nas imediações já existia uma colonização francesa situada na península do Saí, iniciada na década de quarenta quando da estruturação da primeira comunidade anarquista no mundo nesses moldes – o Falanstério do Saí (CHACON, 1981).

O engenheiro francês Benoit Mure chegou ao Brasil em 1840 com o projeto de criação de uma comunidade falansteriana, tendo por base as idéias de Fourier (1772-1837), com o apoio de uma sociedade, a "Union Industrielle", que havia sido constituída com a finalidade de divulgar e apoiar a implantação desse

falanstério no Novo Mundo. A divulgação dessas idéias vinha sendo feita através de vários jornais brasileiros, dentre eles o Jornal do Comércio que indicava o caráter progressista desse tipo de socialismo, porém Mure procurava cativar e conquistar o apoio dos políticos e empresários brasileiros, prometendo trazer para o nosso país um grande número de operários e especialistas na manufatura de máquinas a vapor, entre outros avanços tecnológicos. Esse projeto - que correspondia ao desejo modernizado de alguns setores das elites brasileiras - logo chamou a atenção da corte, tendo Mure sido recebido pelo Imperador com promessas de apoio do governo imperial.

O apoio imperial veio primeiramente na disponibilidade de um navio da Marinha para percorrer a costa do sul do Brasil em busca do local para a realização do projeto, sendo que Mure decidiu-se pela Península do Saí, no entorno da baía hoje conhecida como baía da Babitonga, onde já havia terras disponíveis, estando perto do porto, o que possibilitaria a exportação das máquinas a vapor, que pensava ser a principal produção da colônia, para o Rio e São Paulo.

Em Julho de 1841 a Câmara de Deputados aprovou um empréstimo de 64 contos de réis para apoiar o início do projeto. Em Janeiro do ano seguinte desembarcaram os primeiros franceses que ali se estabeleceriam. Porém, algum tempo depois, algumas divergências internas da colônia, levaram a um desmembramento do grupo, originando outra colônia, a do Palmital. (CHACON, 1981)

Ambas as colônias, tal como os outros imigrantes perceberiam depois, tiveram que se confrontar com um ambiente difícil em meio a mata atlântica e com pouco apoio imperial, condições ainda mais difíceis para estes imigrantes

provenientes da vida urbana francesa, operários e artistas que não tinham um preparo para os desafios com os quais se defrontavam.

Em 1844, quando Mure abandona a Colônia do Saí, afirma ter trazido ao país, 500 operários franceses que se espalharam pela costa sul, especialmente nos estados de Santa Catarina e Paraná. Com isso é provável que tenham se difundido idéias de reforma social que influenciaram não só na proclamação da república, como na libertação dos escravos. (CHACON, 1981)

Estas idéias, valores e formas de organização comunitária que acompanharam os socialistas franceses em sua empreitada pelo sul do país, estavam presentes quando os imigrantes que fundaram a colônia Dona Francisca chegaram.

Existia um amadurecimento por parte do Governo Imperial e das sociedades colonizadoras naquele período da década de quarenta do século XIX, para estabelecer condições favoráveis para os imigrantes se instalarem e para achar terras mais produtivas para o cultivo, com um clima mais adequado para este trabalho.

A imigração se deu devido a Alemanha estar em uma posição difícil diante dos seus problemas sociais. Entre eles, a transição do trabalho artesanal para o industrial e o crescimento demográfico excedendo o desenvolvimento econômico. Com isso, o crescimento de mão de obra teve como consequência uma população empobrecida e que além de tudo, ainda poderia causar problemas políticos internos. Os outros motivos foram de ordem política, como o fracasso da Revolução Liberal Nacionalista de 1848, que forçou os liberais militantes de diversos Estados alemães e da Áustria à fuga e ao êxodo. Nesta perspectiva, a imigração apresentou-se como uma solução para ambos os lados, já que a

Alemanha tentaria minimizar estes problemas expostos acima e a população poderia ter a chance de se estabelecer economicamente como proprietária de terra, na “nova terra.” (COELHO,1993)

Várias sociedades colonizadoras apareceram nesta época e a responsável pelo Brasil era a Sociedade Colonizadora de Hamburgo. Um dos objetivos mais claros desta sociedade era assentar os imigrantes com sucesso, esperando um estabelecimento em terras brasileiras e a continuidade das tradições e do espírito nacionalista, não esquecendo de cultivar as raízes e os costumes, para transformá-los em um elo econômico de comércio e, paralelamente, o desenvolvimento de uma produção artesanal que tinha como suporte, a divisão do trabalho entre os membros de família e a pequena propriedade. (COELHO, 1993) Esta divisão de trabalho parte de um conceito de família protestante que permanece unida e disciplinada sempre.

A autora citada acima interpreta que a Colônia D. Francisca moldou-se bem ao conceito, sendo considerada uma colônia que deu certo. Seguindo os passos do modelo clássico de desenvolvimento que ressaltado, a cidade vislumbrava uma organização distinta e isto era notado se observando nas casas bem feitas, os comércios estruturados e as ruas demarcadas. Estima-se que um dos fatores para este sucesso, foi o recebimento de imigrantes com várias aptidões e formações profissionais em diferentes áreas profissionais liberais que já haviam ocupado cargos destacados no país de origem; pessoas com capital para investimentos, pois nota-se pela organização da cidade, que estas pessoas possuíam experiência e qualificação para se desenvolverem na área urbana. Na área rural, isso também ocorre, pois os agricultores trouxeram técnicas novas para a lavoura.

Esta postura que os imigrantes incorporaram na Colônia Dona Francisca sugere a seguinte pergunta: Como um grupo de pessoas chega a um lugar completamente inóspito, com vegetação virgem, manguesais, índios hostis, insetos, comidas diferentes, com tudo por fazer, inclusive a moradia, e muda este panorama? Como este grupo conseguiu ter tanta força, tanta vontade, tanto empenho, tanto trabalho e com pouco tempo de existência da colônia, já existia uma cidade construída com casas, ruas, calçamento?

A análise desenvolvida faz repensar sobre estas postura de luta e sobrevivência demonstrada pelos imigrantes alemães. O autor explica que na palavra *beruf* (em alemão) e *culling* (em inglês) existia uma conotação religiosa, com o sentido de uma tarefa ordenada ou, pelo menos, sugerida por Deus. Estas expressões e o sentido da palavra “vocação” tiveram ressonância, principalmente para os povos protestantes. (WEBER, 1999)

Diz o autor Weber (1999:52) que:

Esta expressão originou-se, em seu sentido moderno nas tradições da Bíblia, da mentalidade de Lutero e não do texto original, aparecendo pela primeira vez na Tradução de Lutero, como dando o início à Reforma Protestante. Ressalta-se que este sentido de vocação (como um plano de vida em uma determinada área de trabalho) alastrou-se rapidamente na linguagem costumeira desses povos.

Este produto da Reforma citado acima, teve como consequência a "atribuição de um significado religioso ao trabalho secular diário" (WEBER, 1999: 53). Nesse sentido, o conceito de vocação será para o Protestantismo, o dogma central; a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas do século, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo e nisso é que está a sua vocação.

Com isso, surge também o sentido de vocação para evocar o trabalho secular como expressão de amor ao próximo, e em contraste com a concepção católica, este sentido só fez aumentar a ênfase moral e o prêmio religioso para o trabalho secular entre os profissionais.

Diz Oliveira (1984:80) que: “Se o homem é o elemento básico para a formação da sociedade, da integração social, portanto, haveremos de saber quantos eram e quem era o homem que formou a colônia Dona Francisca e, depois, povoou e desenvolveu Joinville.” Ressalta este autor que quando a Sociedade Colonizadora de Hamburgo veio demarcar as terras, já existia uma população de portugueses e brasileiros seus descendentes .

A maioria dos imigrantes (alemães e suíços) que desembarcaram e iniciaram sua vida na colônia foram se organizando para as devidas integrações. No princípio, estas integrações foram acontecendo devido às necessidades básicas dos novos moradores como por exemplo, a alimentação e a moradia. Pode-se observar, pelos documentos históricos do período, que existia muita coragem e curiosidade porque tinham que se defrontar com muitos desafios que exigiam aprender e trocar experiências. Um exemplo de ajuda entre os caboclos nos primeiros dias da colônia. Cobraram alguns *vinténs* por metro quadrado para fazer as paredes de taipa das casas em construção, pois eram exímios fabricantes. Ajudaram no ensinamento da derrubada das matas, porque os brasileiros já possuíam experiência e tornaram-se importantes também por este conhecimento. (OLIVEIRA , 1984)

É preciso ressaltar, ainda que o historiador citado não o faça, que existiam também neste período tribos indígenas, algumas pacíficas e outras extremamente agressivas, que se relacionaram de diferentes modos com os imigrantes europeus e os africanos.

Esta troca de experiências que aos poucos estava sendo percebida, começou pela troca e comercialização de gêneros alimentícios e foi se estendendo conforme a vida solicitava. Schneider (1984:132-135) apontou que:

Estas trocas de experiências foram alterando os seus costumes e em outros casos, reforçando outros comportamentos que poderiam demonstrar, de uma perspectiva, uma certa disputa entre as etnias. “Os lusos descendentes dos vicentinos e açoritas se dedicavam a pesca e os alemães suíços tentaram se integrar nesta natureza brasileira. Procuravam plantar os gêneros alimentícios que os lusos também conheciam e com os quais estavam acostumados a se alimentar, como no caso do milho, arroz, feijão, mandioca, banana, laranja e outras frutas. Para melhor entendimento, apontaremos algumas diferenças no quadro abaixo, entre lusos brasileiros e os primeiros imigrantes alemães e suíços da colônia D. Francisca, a fim de esclarecermos melhor essa troca de experiências, a partir dos dados de pesquisa presentes .

Quadro 1

Relações Entre Etnias e Suas Características

Etnias	Luso Brasileiros	Imigrantes Alemães e Suíços
Alimentação	Frutas da região – bananas, laranjas e goiabas. Mandioca, farinha, polvilho, milho e se possível roça de feijão. Peixes e camarões.	Mantinhavam vacas, marrecos e patos. Usavam todos os derivados de leite, requeijão, manteiga, queijo, etc.
Comercialização	Comercializavam todos os produtos em Joinville para entregar no Mercado Municipal. Entre os produtos estavam as frutas do pomar e frutas nativas, jabuticabas, cambucás, bacuparis, araçás, tucum, e peixes e camarões de água salgada.	Comercializavam frutas do pomar e animais como frangos, marrecos, patos, perus, gansos, e ainda comercializavam os assados destes animais.
Transporte	Canoas – Os lusos eram exímios canoeiros. Havia um fluxo constante de canoas no rio.	Carroças e charretes. A charrete já era um meio de transporte mais utilizado.
Vantagens	Tinham vantagens pelo conhecimento dos peixes e camarões. A comercialização era rápida. Maior comércio da região sul da cidade.	Por possuir terras mais férteis, mais novas e produtivas, as frutas saíam maiores e mais gostosas. Maior comércio da região norte da cidade.

Acredita-se que esses, entre outros fatores, foram evidenciando modos de vida bem diferentes destes dois principais grupos étnicos que se encontravam em Joinville.

A Organização Social e Política de Joinville

Esclarece S' Thiago (1988:23) que:

Nos primeiros 30 anos, a vida econômica de Joinville se restringia à simples transformação de produtos agrícolas, com engenhos de açúcar e cachaça, farinha de mandioca, serrarias, olarias e outros produtos como sabão, vinagre, louça de barro, cerveja, charutos e cigarrilhas. Ao se considerar a situação inicial da chegada na colônia, esta fase foi representada como um sucesso de empreendimento, ainda que restrita somente ao mercado interno, não havendo nos primeiros anos de vida da mesma, uma expressividade econômica que ligasse o município ao resto do país e exterior, situação vivenciada pela maior parte dos municípios brasileiros daquele período. Porém, salienta a autora, “um fato novo vem trazer efervescência econômica do qual se ressentia o município: a construção da Estrada Dona Francisca.

Esta estrada tornou-se um elo de extrema importância ajudando a florescer uma atividade altamente rendosa: a industrialização e comercialização da erva-mate, a qual tinha nas cidades de Canoinhas, Campo Alegre e Mafra, as grandes reservas de ervas catarinenses.

Com a estrada Dona Francisca que ligava o planalto a Joinville, estava efetivada a via de comunicação que mudaria os elos econômicos da cidade. Joinville ficou sendo uma cidade estratégica que tinha fácil acesso fluvial com o porto de São Francisco do Sul, onde o produto (erva-mate) viria a ser exportado. Estima-se que estes fatores em conjunto foram responsáveis pela dinamização da industrialização e comercialização da erva-mate e desenvolvimento da região.

Com isso, começaram a vir imigrantes de outras regiões, principalmente, de brasileiros envolvidos neste empreendimento. Salienta-se que “um grupo de

luso-brasileiros praticamente monopolizou a atividade ervanária em Joinville, e unidos em torno da poderosa Companhia Industrial compunham a 'oligarquia do mate'. Ressalta esta autora, ainda, "que esta empresa foi o símbolo de poderio econômico de Joinville desde sua fundação ..." (S'THIAGO, 1988:27)

O negócios da Companhia abrangiam o Estado do Paraná onde possuía quatro armazéns - depósitos localizados em Rio Negro, Antonina, Morretes e Paranaguá, além daqueles localizados em Santa Catarina: Porto União, Lucena, Oxford, Lençol, Campo Alegre, São Bento do Sul e mais a matriz em Joinville.

Como se desenvolvia esta integração social e econômica entre as etnias com esta mudança econômica na cidade? O processo de produção da erva-mate iniciava no planalto, onde a mão de obra cabocla era responsável pela extração e beneficiamento. O transporte do produto era feito por teuto-brasileiros, e já em Joinville a industrialização era comandada por luso-brasileiros com mão de obra teuto-brasileira. Alguns fatores fizeram com que o imigrante ficasse neste período de meio e final do século XIX, fora de qualquer política estadual e nacional. Considera que os imigrantes hesitaram no envolvimento político, porque tiveram que enfrentar muitas adversidades e muitas inseguranças geradas pela mudança de ambiente. Estima-se que isto pode ter ocorrido, devido ao processo inicial de desenvolvimento da colônia ser diferente, onde a maioria da população participava mais ativamente das decisões apenas de seu núcleo. Uma das características próprias dessas colônias foi o grande isolamento instalado entre os núcleos e os elementos da vida política, econômica e social eram: a direção da Colônia, o comércio, a escola, a igreja e as associações culturais e recreativas que os próprios imigrantes fundaram. (S' THIAGO,1998) A colônia inicialmente integrada por imigrantes europeus, não tinham condições de, em curto prazo,

aprender totalmente os valores culturais brasileiros e devido a todos esses fatores citados anteriormente, no âmbito político as aspirações demoraram a chegar. (COELHO,1993)

Este processo de relacionamento com a política ocorreu diferentemente com o grupo luso da oligarquia do mate que, além de atuantes na economia, foram bem atuantes na política, instaurando em Joinville um controle político com nomes bem expressivos no âmbito judiciário e administrativo do Município e do Estado. (OLIVEIRA, 1984)

Todos estes autores consultados concordam na citação de dois nomes que tiveram grande atuação na economia e política da região nesta época: o Dr. Abdon Batista e Procópio Gomes de Oliveira. Oliveira (1984) ressalta que apesar destes destaques luso-brasileiros e suas diferenças de procedimento político e econômico com a população em geral, no comércio local e atividades profissionais (lavradores, mecânicos, pedreiros, marceneiros açougueiros e dentre outros.

Porém, na vida social com salões de baile, com as suas sociedades (tiro, canto e ginástica) e nas várias comunicações, com destaque o jornal Kolonie-Zeitung, a dinâmica social era, em sua maior parte, constituída de alemães e seus descendentes que participavam do mesmo espírito e educação de características acentuadamente germânicas.

Importante citar que o próprio autor comenta que:

A população pobre que já existia aqui, não deixaram de levar a sua contribuição à nascente colônia e de se beneficiar dela também, pois se abriu um mundo novo para eles, na gente que chegava com aspecto de abastada, e eram muitos dos imigrantes corados, robustos, abrindo estradas, construindo moradias. O pescador haveria de bem vender ali, o seu peixe, como o lavrador com o que colhia nas suas roças, pois, em São Francisco, já se produzia bastante.” (OLIVEIRA, 1984:114)

Essa dinâmica social dava a Joinville a feição de uma cidade de origem alemã com um restrito número de brasileiros que também falavam o idioma alemão, característica que preservaram por muito tempo. Por muitos anos a língua oficial do município ficou sendo o alemão, apesar do que foi citado anteriormente em relação ao poder político luso-brasileiro, que aos poucos foram mostrando interesses para que as integrações, em todos os âmbitos da cidade, fossem fixadas, mostrando um interesse de que os costumes brasileiros fossem mais utilizados.

Expõe Behs (2001:37):

Que a integração dos imigrantes teuto-brasileiros e luso-brasileiros tiveram alguns conflitos em épocas diferentes. Em relação ao teuto-brasileiros estes conflitos foram se acirrando por volta do início do século 20 devido fato de terem ficado muito tempo isolados, manifestando-se o seu germanismo (*Deutschtum*), no seu modo de viver no Brasil. Foram manifestando os seus costumes e modos de agir nas atividades culturais, inclusive nas práticas corporais, na religião e na educação. O próprio autor complementa: “A intelectualidade teuto-brasileira concebia o Brasil como um Estado, com seus cidadãos, mas não identificavam uma nação brasileira. A concepção do teuto-brasileiro era ambígua. Ele se entendia como cidadão brasileiro, mas permanecia alemão de espírito e de costumes.

Essa postura vai se estendendo, a cada ano que passa, a todos os setores da vida. No setor econômico, na religião, na educação e nas atividades culturais mas era no trabalho que os teuto-brasileiros se despontavam. Mas o que será que fez este conflito acirrar-se cada vez mais? A segunda guerra mundial impulsionou este conflito trazendo a idéia que o poder do *Reich* não teria fronteiras. Ele pregava a idéia que onde quer que tivesse um alemão, mesmo fora do país, este seria da raça teutônica. Como no Brasil já havia se expandido o termo perigo alemão decorrente do germanismo anteriormente citado e este aspecto será uma das conseqüências para a sociedade brasileira supor correlações entre as colônias e os alemães da Europa. Este mesmo aspecto

tornará um empecilho para o Governo Vargas instaurar o seu plano de “brasilidade” o qual buscava a identidade nacional através de um amplo projeto de centralização e fortalecimento do Estado. Ressalta-se que esses dois aspectos é que evidenciaram o período de nacionalização também em Joinville, onde as autoridades brasileiras que foram destacadas para impor este processo, colocaram os nazistas, os teuto-brasileiros e os novos alemães sob o mesmo olhar repressivo. (BEHS, 2001)

A época de nacionalização, esclarece Coelho (1993:57): “ Concretizou-se no Decreto Lei Nº 383 de 18 de abril de 1938. Foi quando o governo federal estabeleceu “um conjunto de leis que visavam suprimir toda e qualquer atividade política de estrangeiros no Brasil e a sua adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros.”

Alguns pesquisadores do assunto, como Devegilli (1989), concordam que a campanha de nacionalização só fez acirrar mais as diferenças culturais e sociais que existiam na cidade. Muitos teuto-brasileiros, com todos os seus costumes, sofreram dura repressão, tendo vigilância constante da sua fala, da sua recreação, de sua ginástica, das suas músicas, deixando muitas mágoas e ressentimentos.

Como enfatiza a autora, o governo não observou todos os aspectos relevantes da cidade, principalmente o econômico, não vendo que esta cidade como outras prosperou, por meio do seu trabalho. Ela cita como exemplo, os serviços de correios e telégrafos, serviços de telefone à manivela, estrada de ferro e até embarcações de cargas de passageiros. Estas manifestações sociais eram interpretadas pelos políticos brasileiros como conflitante e transpareceu em um artigo de um jornal carioca chamado Gazeta de Notícias, datado de 22/09/1938. O

referido artigo relatava que era importante combater o “perigo alemão”; questionava os modos e os costumes alemães, pois estes estavam tão intensificados que começavam a incomodar. A língua falada era o alemão, as sociedades culturais e recreativas eram cópias da Alemanha, os cultos nas igrejas eram proferidos em alemão e começavam a proliferar as “*Deutsche Schule*”, escolas que ensinavam a partir da cultura alemã, já existente também em Joinville com uma educação de forte raiz germânica. Devido a esses conflitos étnicos toda a população teuto-brasileiras foi alvo de uma forçada descaracterização da sua cultura.



Foto 2- Um dos primeiros desfiles pela cidade.

Todos esses indicadores da vida econômica, política e social dos colonizadores e seus descendentes possibilitaram estabelecer grandes correlações com o objeto de estudo, a Ginástica, com suas raízes históricas e todas as influências que acarretou neste contexto.

Encontra-se na metade do século XIX, uma Sociedade Ginástica com método alemão trazido pelos imigrantes europeus que se fixaram na cidade. Este fato coloca um questionamento: tal interesse e prática da ginástica com este método, teria se alastrado na cidade ou ficou restrito aos imigrantes e seus descendentes?

Como os luso-brasileiros e afro-brasileiros também fundaram clubes sociais, tornou-se relevante verificar se existiu alguma forma de prática corporal semelhante a esta iniciada pelos imigrantes alemães, ainda mais, tornou-se relevante para melhor compreender a dinâmica social daquele período, e identificar, neste ínterim, e principalmente nos âmbitos social e cultural, se havia alguma integração entre as distintas sub-culturas.

Afirma Schneider (1984:137):

Que por alto existia um divisor de etnias. O autor ressalta que a população, apesar de algumas integrações visíveis, constituiu uma divisão de valores étnicos muito acentuada. Um exemplo disso foi dado no ponto central desta divisão, a rua da Escola, atual rua Padre Carlos. Para o Sul desta região havia o predomínio da religião católica e ao Norte havia o predomínio da religião protestante; O centro da cidade foi se instalando e dividindo a cidade em dois grandes bairros, que por distinção possuíam sua igreja, a sua língua e os seus costumes diferenciados.

Esta divisão acontecia entre os luso-brasileiros e os teuto-brasileiros, e era ainda mais acentuada com os afro-brasileiros. Acrescida de um forte preconceito racial, estas pessoas não eram tratadas com igualdade, negando-lhes o direito de se desenvolver e de fazer integrações com as outras etnias, portanto, não possuíam condições de liberdade nem mesmo para as suas atividades de lazer e de integração com pessoas diferentes na cor da pele. Um exemplo disso, complementa Luís Paulo do Rosário, membro da primeira diretoria da Sociedade Beneficente Clube Kênia em (comunicação pessoal, 11 de novembro de 2002), comentou que “eram as restrições que a população negra sofria para freqüentar os clubes existentes na cidade. Após a abolição da escravatura, era aceitável entrar e sentar em alguns clubes, e mesmo tomar cerveja e conversar entre si, porém, não era aceitável, dançar e ou ir na pista de dança, e muito menos convidar alguém para dançar que não fosse da mesma etnia.”

A Ginástica em Joinville: O Papel das Sociedades



Foto 3 Evento cívico com crianças e adultos

Neste sub-capítulo relatar-se-á a importância de destacar a Ginástica, tema central do estudo, relacionada com as demais Sociedades étnicas que se desenvolveram na antiga Colônia Dona Francisca e posteriormente Joinville. A primeira a ser destacada pela pesquisadora, será a Sociedade Alemã de Ginástica, pois foi a primeira sociedade que iniciou o processo de desenvolvimento dos exercícios físicos, que os primeiros imigrantes colonizadores europeus trouxeram.

Após alguns anos de colonização a cidade possuía grandes evidências da cultura alemã. Existiam várias agremiações como a de canto, as assistenciais, bem como a associação de atiradores. Dentre elas destaca-se a antiga Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville (*Deutcher Turnverein zu Joinville* – ANEXO I), fundada em 1858. (HERKENHOFF, 1983)

Posteriormente foram criadas outras Sociedades Ginásticas no Sul do País (Porto Alegre, São Leopoldo), dentre outras. Nessas sociedades já se utilizavam hierarquias sociais com representações e cargos administrativos, como presidente e tesoureiro. Utilizavam outras formas de lazer como excursões,

festas, apresentações teatrais e reuniões dançantes, com ênfase na prática e exibição de exercícios ginásticos.

Salientou Wieser (1995:34) que: “As sociedades estavam se organizando de forma diferente, de acordo com as expressões de cada sociedade.”

Os fundadores da Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville receberam um terreno para iniciar a prática dos exercícios físicos. O terreno foi doado por Henrich Lepper, apelidado de Lepper Wide - “Pasto das Lebres”, sendo que o doador do terreno tornou-se o primeiro presidente da Sociedade e, com passar dos anos, foi adquirido um lote vizinho onde surgiram ampliações.

Aos poucos foi aumentando o número de sócios e contava com um instrutor de Ginástica, possuindo alguns materiais para a prática dos exercícios: três barras fixas, três paralelas, um trampolim, um cavalete para trapézio, um cabo e um mastro para galgar. Os ginastas desfilavam sempre nos eventos cívicos e outros eventos especiais da cidade. Aos poucos a sociedade foi se tornando de interesse da população que, com muito custo, ampliou suas instalações.

Acredita-se que as pessoas foram gostando da atividade e que após dois anos o atual diretor da colônia, Ottokar Doerfell e o engenheiro Augusto Wunderval doaram outro terreno para a construção de um armazém de Ginástica que foi utilizado até 1869. Substituíram por outro e ampliaram até chegar na atual planta, e a Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville não mudou mais de lugar; continua até os dias de hoje.

O número de sócios, aumentava cada vez mais. Passados 10 anos já haviam 321 sócios; dentre esses, 195 sócios passivos, 32 ativos, 12 alunos e 82

Os fundadores foram L.H. Schultz, B.Busse, J.Herz, Julius Meners, Henrich Lepper, N. Schulz, Samuel Hensi, Henrich Grahle e G.A. Mensing.

meninos. Mas porque esta distinção de 12 alunos e 82 meninos? Pelo que cita Weber (In: SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1995), Otto Muller foi iniciador da turma de alunos para a prática de Ginástica, além de ser escrivão da Sociedade. Foi também fundador de uma escola particular de Ginástica para meninos e da turma de cantores da sociedade. Ele utilizava como base um livro chamado Catecismo da Arte da Ginástica, que continha também, instruções para jogos, natação e esgrima. As sessões de Ginástica deveriam ser à noite para que os meninos pudessem trabalhar na roça auxiliando a família.



Foto 4 Desfile cívico em frente ao hotel central

O próprio Otto Muller relata acerca dos alunos: “idades de 7 a 16 anos. Praticam ginástica em média 2 (duas) vezes, mais exatamente às segundas e quintas feiras das 7 às 8 da noite. Os exercícios são principalmente livres e em cada aula é usado um dos aparelhos. Como todos os alunos têm mostrado muita disposição, a freqüência tem sido boa” (WEBER, 1995:35).

Acerca dos 82 meninos que desde o começo das atividades da Sociedade Ginástica foi dada grande importância à *Knabenriege* (seção de meninos) que conforme conta no Jornal *Kolonie-Zeitung*, um dos jornais da

colônia, a seção se desenvolveu com muita disciplina por muitos anos. (HERKENHOFF, 1987)

Para relatar a importância da *Knabenriege* e o quanto ela repercutiu consideravelmente em todos esses anos, a Sociedade Ginástica ao completar cinquenta anos recebeu a seguinte alusão do jornal *Kolonie – Zeitung* (1908:3)

...mas o ponto culminante, tanto nas apresentações à tarde como à noite, foi como sempre a “Knabenriege”, que está sendo instruída – e nunca será de mais insistir nesta afirmação – com tamanho amor e paciência e compreensão pelo senhor Wilhelm Manteufel, no sentido exato do Mestre Jahn visando a formação e educação de homens fortes e disciplinados, ao serviço da Pátria...

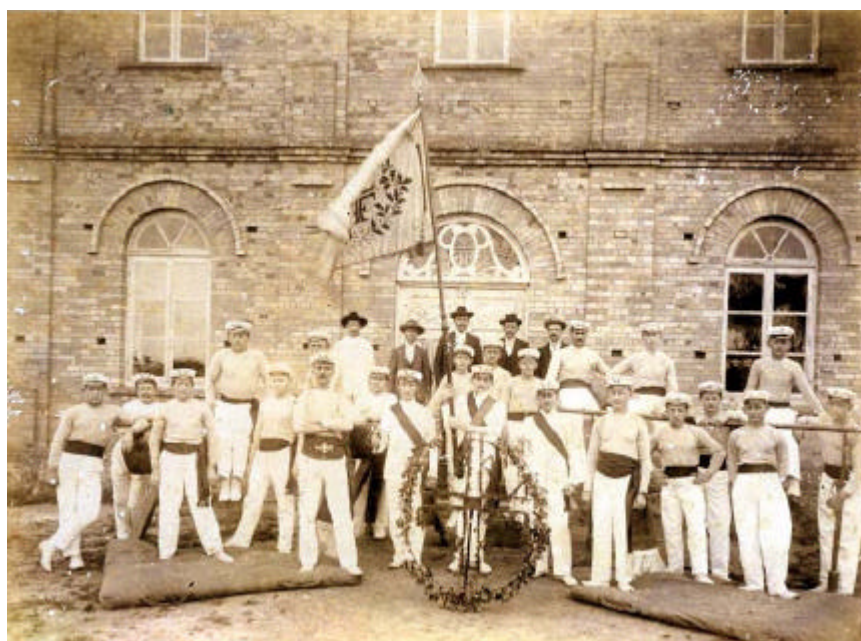


Foto 5 Ginastas em roupa de gala com a bandeira da Sociedade

Observa-se que esse discurso, principalmente quanto aos meninos, indica que deveriam seguir os ensinamentos desta geração que visavam disseminar a postura de um povo forte, disciplinado com o pensamento voltado para amar e respeitar os seus costumes e sua Pátria. Como a Pátria estava longe, os

costumes evidenciavam essa ligação, e a prática de exercícios físicos, era um destes costumes mais característicos.

A Sociedade Alemã de Ginástica foi se tornando um dos pólos de convergência da vida da colônia, foco de encontro de diferentes gerações, onde a memória, a disciplina e a ordem se exercitavam, e eram mantidas com todo o rigor. O ginasta que faltasse por três vezes, por qualquer motivo injustificado, tinha que ser julgado pelo seus superiores podendo levar à exclusão, caso este fosse o resultado do julgamento. (WIESER, 1995)

Os objetivos da Sociedade expressos em seus documentos ao longo de sua história, tinham outros objetivos diferentes nestas “novas terras”, diferentemente das práticas da Ginástica na Europa. Argumentavam que um motivo forte para fazer exercícios era porque se constituíam no único meio de recreação existente, e ainda mais sendo uma recreação de verdadeira utilidade. (cf. SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958)

Por volta de setembro de 1866, um peça considerada importantíssima chega no navio “*Mary Block*” causando furor em toda a população, pois iria representar muito bem o espírito idealista do povo forte, unido e disciplinado. Chega um estandarte, feito pela firma J. H. Hietd, de Leipzig, ao preço de 109 táleres. Esse estandarte, ricamente bordado, aparecia com ênfase nas datas comemorativas da sociedade, nos desfiles, nas visitas de pessoas ilustres; enfim, acreditava-se que o estandarte conseguiu dar mais sentido ao germanismo, mais ainda do que a colônia já possuía. A sua consagração foi realizada em novembro do mesmo ano quando se comemorou o 8º aniversário da cidade com um desfile pelas ruas da cidade em direção ao pátio dos esportes que estava completamente enfeitado de bandeiras e flâmulas. (BÖBEL, 2001)

O comentário do diretor da colônia, o Dr. Ottokar Doerfell, sobre a bandeira no dia da sua consagração, foi significativo. Ela nos mostra de um lado os quatro F cruzados significativamente e rodeados por ramos de carvalho, esperançosamente verdes e lembrando a pátria e coroados por um dourado brilhante e prometidos “Salve”- estes estão ligados pelo outro lado, ao nome Sociedade Ginástica Alemã de Joinville, bordado em letras dourada, num sinal de que a senha da grande comunidade ginástica alemã é também a sua por todos os tempos. (WIESER, 1995)

O significado dos quatro “F” são: frisch, frei, fromm e froh as quais significam, na seqüência: disposto, devoto, alegre e livre.

Herkenhoff (1983:113) relata que, aquele estandarte festivo e orgulhosamente sagrado pelos nossos pioneiros, seria o símbolo de gerações inteiras dos ginastas de Joinville. O *Kolonie – Zeitung* de 24 de novembro de 1866 comenta acerca das grandes festas populares:

As três horas da tarde, os ginastas desfilaram pelas nuas, acompanhados pelo coral ‘Saegerbund’ (Liga de Cantores) e ao som da banda de música e o rufar de tambores, dirigindo-se ao pátio da Sociedade, profusamente ornamentado com bandeirolas e palmeiras, e onde numeroso público já que os aguardava. A canção a quatro vozes “Sei gegruesst” (Salve), abriu as solenidades, havendo em seguida apresentação de números de ginástica. Depois, o novo estandarte foi trazido para o meio do pátio, onde os ginastas se achavam enfileirados, sendo então entregues ao porta-bandeira...

E enquanto a bandeira ia sendo desfraldada, o Dr. Ottokar Doerfell discursava e salientava ainda mais a consagração da bandeira:

Sagremos, pois, esta bandeira – nós os atuais membros da “Deutscher Turnverein zu Joinville”, sagremo-la para nós e para todos os futuros membros da Sociedade, reconhecendo-a, em juramento solene, como nosso distintivo, como símbolo sagrado do pendão espiritual de nossa Sociedade e recebendo-a, no firme propósito de zelar e cuidar fielmente pela sua integridade...

Com todos esses fatos, acontecimentos e depoimentos supõe-se que estes momentos foram bem marcantes para os moradores da colônia, contribuindo assim para a prática dos exercícios tornarem-se cada vez mais fortes. Este mesmo espírito dos ginastas e dos sócios não praticantes estenderam-se às suas participações não só neste campo da ginástica, como também às sociais e recreativas, dando sinais de que a Sociedade Ginástica estava fazendo um bem para todos da colônia. Estas participações sociais eram arrecadações de alimentos, de auxílios e eventos sociais. Uma das participações mais significativas foi a remessa de dinheiro para ajudar a cidade de Blumenau ao ser invadida pelas águas do Rio Itajaí. Também foram mandados coletas de doações durante um período de seca no Ceará e, por fim, apoio a um escravo para a sua alforria por este ser um indivíduo que trabalhou com abnegação na cura de doentes. (cf. SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE, 1958)

Os ginastas também fizeram uma participação cívico-política na Guerra do Paraguai, quando se apresentaram voluntariamente. O livro comemorativo do centenário da Sociedade Ginástica de Joinville (1958:16) cita o historiador Boiteaux ao descrever aqueles acontecimentos: “Muitos colonos de origem alemã, reconhecidos à nova pátria adotiva, organizaram uma disciplinada legião e partiram para o Paraguai a vingar os insultos atirados ao Brasil. Vinte e três sócios do Clube Ginástico de Joinville. Chefiados pelo tenente Wilhelm Hoffmann, se alistaram como voluntários, jurando bandeira a 26 de Novembro .”

Paralelamente, o jornal *Kolonie-Zeitung* (1882) em vários momentos, expressava o quanto a Sociedade Alemã de Ginástica tinha valor para a Colônia. Comentava: “O que a Sociedade fez em relação ao desenvolvimento físico da nossa juventude dificilmente poderá ser retribuído, por isso as simpatias que

jovens e velhos tem pela sociedade são mas que merecidas.” (SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE , 1958:180)

Desta forma, parece haver indicações concretas de que a Sociedade Alemã de Ginástica estava entrando na história da colônia, entendendo que os seus objetivos eram de perpetuar nas futuras gerações seus sentimentos nacionalistas. Apesar disso, estavam germinando outros comportamentos diferentes para a Sociedade, evidenciando-se um ponto de encontro para os cidadãos da colônia, rirem e dançarem, sem esquecer, é claro, depois de muito trabalho.



Foto 6 Baile com apresentação de Ginástica

A comunidade teuto-brasileira organizou festas para que uma nova sede pudesse ser construída. A organização se deu por meio de arrecadação do clube (pagamento de associados) e por meio de doações da população. Primeiramente, foi construído um galpão para realizar os exercícios em dias de chuva; depois que foram efetuadas vários consertos deste galpão e as madeiras estavam apodrecendo, começaram a vislumbrar a possibilidade de construir uma sede própria para não ter que alugar os salões nos períodos de festas, entre outros.



Foto 7 Desfile dos ginastas em evento da cidade

Fizeram uma assembléia geral em 19/04/1879 para nomear uma comissão sobre o assunto. Com o plano dando certo, resolveu-se ir adiante. Tentando achar jeitos e fazendo apelos, conseguiram terminar a obra. O dia da inauguração que foi dado como esplêndido. As festividades duraram dois dias, 25 e 26 de novembro de 1899. Fizeram uma marcha até a nova sede, contando com discursos entusiasmados e bailes, apresentações e competições de ginástica, juntamente com quermesse (atrações, comidas, bebidas, bandas de música e corais). (HERKENHOFF, 1983)

Esta autora salienta a importância que a Sociedade Alemã de Ginástica teve para a população, dizendo:

As festas populares dos ginastas marcaram todo um longo período no passado de Joinville. As comemorações dos diversos jubileus – em 1908, 1923, 1933, e 1958 levaram o nome de Joinville para além das fronteiras do estado e mesmo do País, já porque nas competições então realizadas com associações congêneres vindas de outras cidades, os ginastas joinvillenses sempre ocuparam lugar de destaque, assim como se destacaram em suas inúmeras apresentações em outras localidades.” (HERKENHOFF, 1987:165)

No 65º aniversário da Sociedade Alemã de Joinville, realizou-se uma festa com mais de 5.000 visitantes, contando com associações ginásticas de outras localidades, do sul do país e também do exterior.

Devido a muitos pedidos houve a organização da secção feminina de Ginástica, observando a autora que durante muito tempo esta secção teve grande destaque nas suas atuações. (HERKENHOFF, 1983)

Ao falar das mulheres Silva (1995:46) esclarece que: “No início da colonização, depara-se com algumas indagações. Pouco escreveu-se sobre elas.” A autora nos revela que eram mulheres com obrigações distintas, “afazeres domésticos” encontrando no ambiente doméstico um “privilegiado poder existente.” Porém, a autora complementa que este trabalho doméstico não era só dirigido aos serviços da casa. As imigrantes teuto-brasileiras trabalhavam ao lado dos homens nos afazeres fora do ambiente doméstico, tanto as mulheres da área rural como da área urbana. Mesmo não mencionadas na historiografia com destaque, a autora enfatiza que se o sucesso desta cidade foi caracterizado pelo trabalho, pode-se considerar que o trabalho feminino também foi vital para o sucesso da colonização.

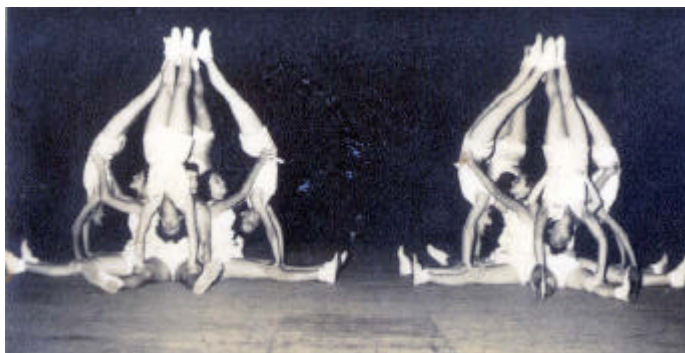


Foto 8 Apresentação de mulheres em grupo

Acreditamos que paulatinamente a mulher foi buscando o seu espaço e ganhando forças, inclusive com a constituição da secção feminina e com as

apresentações exclusivamente femininas na Sociedade Ginástica de Joinville, num movimento que já está presente na sociedade brasileira e na qual, apesar de já haver atletas femininas competindo desde o século XIX, “é a partir das primeiras décadas do século seguinte que a mulher vai participar mais ativamente das competições e práticas corporais, “como aponta Goellner (2000:132).



Foto 9 Apresentação das mulheres em grupos

Por volta do 75º aniversário da Sociedade, todos os documentos, papéis, bandeiras e outros objetos foram confiscados pelos oficiais do governo designados para isso em função da nacionalização, já citada anteriormente. Como as Sociedades Culturais e Recreativas eram manifestações concretas da divulgação das raízes germânicas, foram elas as primeiras a receber intervenção militar, contando com um oficial para dirigi-las.

As sociedades tiveram que elaborar novos estatutos, apresentar brasileiros no quadro de sócios e sempre que quisessem fazer alguma manifestação cultural, tinham de receber um parecer favorável.

A rigidez e a má interpretação desses oficiais foram responsáveis pela desativação de quase todas as sociedades. O motivo era que quase todos os pedidos para as manifestações culturais eram recusados. Após 1945, algumas sociedades foram reabertas como no caso da Sociedade Alemã de Ginástica, que

mudou o seu nome para Sociedade Ginástica de Joinville. Contudo, por volta de 1947, após a reabertura do clube, os ginastas ficaram bem retraídos e para chamá-los de volta, foram organizados o "*Maennerriege*", e a "*Frauenriege*."



Foto 10 Desfile de clube com a bandeira da suástica

Em documento elaborado por Fallgatter (1974) acerca do *Maennerriege*, então presidente da Sociedade Ginástica de Joinville, que estes termos citados acima são secções compostas de homens e mulheres, cada qual participando separadamente das modalidades de ginástica e já de alguns esportes de suas preferências. O Senhor Gromann, foi designado para aplicar a prática da Ginástica Rítmica para as mulheres em conjunto e designado para aplicar para o grupo de homens a Ginástica de Aparelhos. O Senhor Fallgatter ficou responsável pela direção do Atletismo para as mulheres. Ambos os sexos finalizavam o encontro com partidas de basquetebol e voleibol. Salienta Fallgatter (1974) que "esta nova visão é que alavancou o aumento de sócios naquela época, onde os amantes dessas práticas voltaram a participar da Sociedade. Ressalta ele, ainda, que depois da diretoria o esteio mais expressivo é o *Maennarriege*." Este grupo

Maennarriege- Carta escrita à Sociedade Ginástica de Joinville sobre o histórico do Maennarriege datada em 31/08/74.

ficou sendo o mais abnegado, ajudando o clube em todos os setores sociais e esportivos.



Foto 11 Exercício Ginástico na barra fixa.

Entretanto, se em 1851 os imigrantes que fundaram a colônia Dona Francisca, vieram para propagar os exercícios físicos no interior da Sociedade Ginástica com o objetivo de manter o corpo jovem e de propagar os costumes das antigas gerações, o mesmo não se pode dizer depois de cem anos de existência da sociedade.

Pelo que se observa nos documentos históricos, foram introduzidos outros objetivos, tanto sociais como de caráter “físico e mental.” A Ginástica perdurou por muito tempo, contudo, por volta do início do século XX, os desportos como atletismo, basquetebol, voleibol, xadrez e outros, foram se integrando cada vez mais nas atividades diárias do clube, passando a pertencer à LANC (Liga Norte Catarinense). Este caminho foi intenso e no ano de 1965 a Sociedade Ginástica de Joinville foi declarada de utilidade pública por Direito Estadual, por

adquirir títulos e vitórias em toda a região de Santa Catarina. (HERKENHOFF,1983)

Esclarece Ternes (1993:100): “Neste mesmo ano 1877, como demonstração de que se torna cada vez mais forte a presença de luso-brasileiros em Joinville, vindos de São Francisco, de Paraty (Araquari), de Morretes e Paranaguá no Paraná, a cidade ganha o seu segundo jornal. Surge a Gazeta de Joinville, primeiro jornal editado em língua portuguesa.”

Silva (1996:60) informa sobre do Congresso Joinvillense, sociedade dançante do local:”...O congresso era uma das pequenas sociedades destinadas aos brasileiros. E o anúncio nos conta da necessidade de manter essa sociedade, pois nas outras, aquelas denominadas “de origem”, termo designado aos imigrantes da antiga colônia e seus descendentes, as moças não eram convidadas para dançar.” Diante desse relato percebe-se que existiam várias formas para salientar a divisão de étnicas que se formou e os diferentes usos das práticas corporais nos momentos de lazer, como forma de manutenção das identidades étnicas e culturais.

Outro fator a destacar é o fato de que se os brasileiros fundaram um clube somente de brasileiros, é porque estes não tinham uma boa aceitação nos clubes teuto-brasileiros, encontrando assim dificuldades na sua integração.

No final do século XIX, com todas os acontecimentos advindos da proclamação da República, seja por questões políticas, seja por questões econômicas relacionadas à oligarquia do mate, os luso-brasileiros decidiram que não havia mais necessidade de ter dois clubes representantes de um mesmo partido. Assim sendo, as duas sociedades, Clube União Joinvillense do partido federalista e Clube Republicano do Partido do mesmo nome, uniram-se ao outro

clube chamado Congresso Joinvillense, para daí então fundar o Clube de Joinville, em 05 de fevereiro de 1905, tornando-se uma destacada associação recreativa e cultural. (RICARDO, 2001)

Este Clube possuía uma biblioteca com um variado acervo de livros de literatura brasileira, cultivava as artes dramáticas e as representações teatrais. Relacionavam-se com a Sociedade Harmonia Lira de música e teatro, por gosto de cultivar estas formas de expressão cultural, além das danças, mas havia distinção nas formas de organização das apresentações: uma era de características mais brasileiras e outra dotada de mais germanismo. (OLIVEIRA , 1984)

Algumas datas e organizações de bailes divulgados no Jornal Comércio de Joinville, fundado pelos luso-brasileiros. As datas escolhidas foram dia 07 de setembro e 15 de novembro, datas comemorativas da Independência do Brasil e da Proclamação de República, respectivamente. (RICARDO, 2001)

Eis um anúncio em destaque:

Baile infantil à phantasia: o clube proporcionará um baile à phantasia no domingo de carnaval 10 de fevereiro às crianças dos senhores sócios, começando às quatro horas da tarde, no Salão Walter. É expressamente proibido o ingresso de crianças estranhas. Na mesma noite do baile, haverá baile para as famílias dos sócios no mesmo salão. A diretora não permite o jogo de entrada durante os bailes.

O secretário: "Eugênio Machado."

Ressaltam os autores observando o Jornal do Comércio de Joinville, que os bailes tornaram-se atividades freqüentes, principalmente nas datas já citadas. Comentam que na década de 50 o clube Joinville ainda existia, porque no filme de comemoração do centenário de Joinville, aparece um grupo de crianças representando o respectivo clube.

Outro elemento interessante no contexto histórico de estruturação da cidade de Joinville e nas relações étnicas e culturais que ali se confrontaram foi a existência da Sociedade Beneficente Clube Kênia.

A luta pela abolição, descreve Andrade (1987:33) se: “Exacerbou no ano de 1880, a partir do Parlamento, em vista do poder verbal e da disposição de luta de alguns deputados, dentre os quais o mais famoso foi Joaquim Nabuco” . Quando a Lei Áurea foi instituída, os abolicionistas desejavam leis que promovessem o desenvolvimento da agricultura, por meio do fornecimento de crédito abundante, fácil e barato. O autor salienta que desejavam também criar colônias agrícolas que abrigassem os libertos e desapropriar terras que não tinham sido exploradas, situadas às margens das ferrovias em construção. Também foi sugerida a medida para as terras situadas às margens dos rios navegáveis e no litoral. Mas isso demorou a ser feito. Tais atitudes fizeram com que aparecessem várias formas de exploração de trabalhadores agrícolas, na sua maioria formados pelos ex-escravos, como: a meação, o arrendamento, a prestação de serviços gratuitos em troca de pequenos pedaços de terra.

Em alguns pontos do Brasil onde a concentração de ex-escravos era maior, aconteceram diversas formas de lutas contra essas posturas de exploração, como por exemplo, Canudos no estado da Bahia. Em Santa Catarina, especialmente em Joinville, os escravos ficaram trabalhando em grandes latifúndios na proximidade de Itapocu. Presume-se que esta forma inicial de exploração deva ter acontecido porque muitas famílias obtiveram terras nesta localidade, hoje, um município independente.

Observamos que Joinville teve uma grande expansão econômica na virada de século e os afro-brasileiros, já libertos, também trabalharam na cidade

para suprir a demanda de mão de obra. Na falta de bibliografia sobre o assunto, alguns depoimentos feitos pelos descendentes destes primeiros trabalhadores tornaram-se de extrema importância para que se saiba mais sobre as suas dinâmicas econômicas e sociais.

Recorda Luís Paulo Rosário,(comunicação pessoal, 19 de setembro de 2002), que um grupo de jovens universitários negros organizavam festas para se entreterem e se recrearem. Nestas festas, eles cantavam, dançavam e se entrosavam. Na maioria das vezes, freqüentavam o Clube Botafogo, um clube familiar situado na zona sul e que seguia as mesmas restrições dos outros clubes, quando se tratava de receberem negros em seus salões. O autor complementa que estas restrições não davam liberdade e alegria para o grupo porque não achavam o “lazer completo.” Quando o grupo se integrou mais no Clube Botafogo, fizeram um acordo com a diretoria para utilizar o clube alguns dias da semana. O acordo foi respeitado e o grupo começou a conviver mais, fazendo suas festas e danças no Clube Botafogo; grupo este constituído somente de pessoas da comunidade negra que tinham neste local e em suas tradições culturais uma forma de manter a sua identidade étnica, se contrapondo à marginalização social a qual estavam submetidos.

Com a extinção do Clube Botafogo, este mesmo grupo comprou a propriedade e fundou a Sociedade Beneficente Clube Kênia. Redigiram o estatuto e se constituíram como o clube oficial da comunidade negra de Joinville. Este grupo acabou participando da primeira diretoria da Sociedade, de acordo com o Estatuto da Sociedade Beneficente Clube Kênia em 1960.

Descreve Ideraldo Luz Marcos, atual presidente deste Clube em depoimento à pesquisadora,(comunicação pessoal, 16 de setembro de 2002),

sobre a Sociedade Beneficente Clube Kênia de Joinville que sua fundação oficial foi em 06 de setembro de 1960, apesar de muito antes disso a comunidade negra já estar se reunindo para cultivar outros hábitos culturais como a dança. Esta sociedade teve também como objetivo, efetuar trabalhos filantrópicos para ajudar as pessoas da comunidade negra de Joinville em dificuldade. Ideraldo Luís Marcos, também afirma, *“Nota-se a preocupação dos fundadores do clube em oferecer condições básicas necessárias para a comunidade negra, no que se refere ao lazer e problemas sociais, já que na época os negros eram completamente desprovidos de integração social em Joinville.”* Isto se confirma com a descrição que Luís Paulo Rosário faz do início da fundação da Sociedade.

Se no início o objetivo era a filantropia, acredita-se que as pessoas da comunidade negra foram se encontrando e fortalecendo sua identidade cultural, transformando-se num clube social dinâmico, com uma representação boa de associados e que inclui apresentações folclóricas e danças de origem africanas. Observa-se que estes itens eram totalmente relacionados com o contexto sócio cultural da comunidade negra.

Importante salientar que o modelo organizacional escolhido foi igual aos outros clubes da cidade. Discriminavam a entrada de pessoas de outros grupos étnicos, pois não aceitavam a entrada de brancos no clube. Isso só foi alterado anos mais tarde, com a mudança de estatuto que estabeleceu uma maior abertura na Sociedade. Aos poucos os bailes que eram somente aos domingos, denominados “domingueiras,” foram se ampliando para os sábados e datas especiais, além de outros eventos sociais. Comenta Luís Paulo Rosário, que posteriormente vieram os bailes de debutantes e bailes de Natal. Ainda na década de 70 a Sociedade Kênia fez o lançamento do Carnaval de Rua e do Carnaval de

Salão.” Após alguns anos o desinteresse do poder público e da própria população em geral fez com que o Carnaval em Joinville entrasse no esquecimento. Contudo, ressalta-se que o modelo de exclusão social, pelo menos no início de sua fundação, permaneceu igual ao de outras Sociedades da cidade. Pelo entendimento de Luís Rosário, a Sociedade Kênia Clube de Joinville foi um marco para a comunidade negra, que por meio dela conseguiu dar mais dignidade e auto-estima para as pessoas que lá freqüentavam, mantendo-as integradas frentes aos desafios sociais. Muitos namoros, casamentos e batizados foram registrados devido ao espaço social permitido pelo clube e vivenciado pelo próprio autor citado que considera os anos de convivência no clube, os melhores de sua vida.

Ressalta-se que o interesse desse sub-capítulo como objetivo principal de estudo, foi de verificar se as distintas subculturas tiveram alguma interação nas práticas corporais utilizada pelos teuto-brasileiros abordada e referida pela Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville. Os clubes fundados pelos luso-brasileiros e afro-brasileiros não vivenciaram e não utilizaram este tipo de prática corporal, ficando somente com as danças objetivando o lazer social, já que apreciavam a música brasileira, e por parte dos afro-brasileiros as danças e festas populares.

Dentro desta abordagem a prática corporal dos imigrantes trouxeram enormes repercussões tanto para Joinville como também para a Educação Física no Brasil. Esta forma de organização foi o primeiro método a ser adotado no Brasil como método oficial para a Educação Física nas escolas brasileiras. Como para os luso-brasileiros, fazer exercício era para pessoas menos abastadas, representava estar em nível baixo, o método alemão veio implantar uma nova

postura de organização do corpo. Em Joinville isto também ocorreu. Com a implantação desta nova maneira de exercitar o corpo, o método se tornou uma atividade de grande repercussão na cidade, fazendo com que as outras etnias pertencentes a história da cidade, forçassem a se organizar com os outros clubes. E mesmo que não houvessem a mesma prática corporal, estas outras etnias, se sentiram compelidas a também organizar clubes que de alguma maneira também resgatassem suas identidades étnicas e culturais.

A Ginástica Alemã em Joinville suas perspectivas de Educação do Corpo

Em depoimento a esta pesquisadora, Amanda Fallgater (comunicação pessoal, em 20 de agosto de 2002), ginasta da Sociedade Alemã de Ginástica, explicou o que a levou fazer Ginástica na adolescência: “Pelo amor ao esporte, por estar bem com o meu próprio corpo; “Mens Sana In Corpore Sano.” Também para seguir as finalidades que os estatutos se propuseram: o fortalecimento do corpo e o aprimoramento do espírito. Todos esses objetivos aliados a uma prática que ajudavam os jovens a se encontrarem, pois existiam poucas opções para esses encontros.”

Como foi citado anteriormente os fundadores da Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville eram adeptos a prática corporal que utilizava entre outros materiais a barra fixa e as paralelas.



Foto 12 Exercício Ginástico no cavalo.

Em toda a história da Sociedade Alemã de Ginástica de Joinville, que depois foi denominada Sociedade Ginástica de Joinville, a prática corporal, Ginástica nunca foi esquecida. Desde a sua chegada ao Brasil, a Ginástica tornou-se um dos elementos culturais mais abrangentes para estes colonizadores que haviam deixado a Alemanha. O método de Friedrich Ludwig Jahn foi referência em todos os momentos de sua trajetória. Nos momentos cívicos, nos festivais e nas mais importantes comemorações da cidade.

Em uma das maiores comemorações da Sociedade Ginástica de Joinville, no seu centenário destacou-se a crônica da Sociedade Ginástica onde os responsáveis pela comemoração do Centenário da Sociedade descreveram um breve histórico do início de colonização de cidade resgatando a necessidade dos colonizadores em enaltecer Friedrich Ludwig Jahn. Eis a descrição: “As idéias do Pai da Ginástica são : soerguer a forma moral, conservar e aprimorou a força física da juventude, e ao mesmo tempo, cultivar uma harmonia social, junto com uma recreação útil.” Com isso estava assegurado a possibilidade de mantermos uma “mens sana in corpore sano” .

Texto extraído do livro centenário da Sociedade Ginástica de Joinville onde homenageiam Friedrich Ludwig Jahn denominado Pai da Ginástica.

Sua história começa na Alemanha país de origem na cidade de Lanz em 11/08/1778. Ao desenvolver seus estudos de Teologia e posteriormente estudos de História e Lingüística, Jahn começou a desenvolver a obra “Costumes Alemães” ressaltando a importância de resistência corporal na Ginástica patriótica. (PÚBLIO, 1998)

Devido as suas grandes influências didáticas e grande conhecimento das áreas da pedagogia, história e filosofia, o capitão (era assim que os alunos chamavam Jahn devido ao seu porte físico e jeito de andar) era um líder e tinha como slogan a consciência nacional (volkstun). Sua devoção pelo seu país e pelo seu povo parecia ser ilimitada.

A juventude estava sobre o seu poder e que todos os garotos o amavam e respeitavam. Jahn instigou centenas de garotos que estiveram com ele a ter espírito de autoconfiança, prestabilidade e boa camaradagem. Desde o começo pensou sobre a importância da resistência corporal e idealizava alguns exercícios físicos. Dizia que caminhar, correr, saltar, lançar e sustentar-se são exercícios que nada custam e que podem ser praticados em toda parte, gratuitos como o ar. Acrescentou, ainda, que o seu ajudante e colega Ernest Eiselen poderia ser monitor devido ao seu grande entusiasmo e dedicação por este novo aprendizado. (PÚBLIO, 1998)

Descreve com muita ênfase que no inverno de 1811, Jahn leu tudo que se referia à Ginástica. Tinha um grande reconhecimento por seus antecessores, Vieth e, principalmente, Guts Muts, por vivenciar a Ginástica e ser um escritor. Seu livro Ginástica para a Juventude foi imediatamente traduzido para várias línguas e sua repercussão na Europa foi grande. Foi a época em que a Ginástica exerceu uma fascinação social.

O desenvolvimento do método tornou-se um fenômeno: universitários, organizações, professores, homens de negócio, homens de classes altas e baixas juntaram-se ao movimento. Ele argumentava que este método deveria ser de propriedade de todas as pessoas, jovens, velhos, ricos e pobres e que o Estado poderia oferecê-lo a todos de acordo com a necessidade de cada um.

Esta maneira de se movimentar tinha como objetivo geral formar o homem com pensamento sensato, sentimentos humanos e de atuação independente colocando as forças físicas e mentais a serviço da Pátria. Este método serviu como programa para educar as pessoas a ter sentimentos de nacionalidade, exatamente na época da guerra contra Napoleão.

Por possuir um forte sentimento nacionalista Jahn começa substituindo os termos mais casuais da Ginástica.

As palavras ficam estabelecidas como:

Turnen = praticar ginástica traduzido por Jahn, como um grande desejo de se movimentar.

Turnplatz = local de ginástica

Turner = ginástica

Voltigieren = balançar, vultear

Torner = lutar, brigar

Turntag = Dia da Ginástica

Turnkunst = Arte Ginástica

Assim em 19 de junho de 1811 foi inaugurado o primeiro local para a prática da Ginástica alemã ao ar livre. Foi em Hasenheide (Paradeiro das lebres), perto de Berlim, numa zona sem cultivo e arborizada.

Os locais de Ginástica Turnplatz possuíam barras paralelas, barras fixas, muitas escadas para subir, muitas cordas para subir e balançar, e exercícios de luta. Descreve no livro "A Arte de se exercitar", como aconteceu o início do seu trabalho e há um capítulo sobre o gerenciamento do Turnplatz citando os horários de funcionamento, uniformes, reuniões, cuidados com os aparelhos, disciplina e outros.

O Ginasta tinha objetivos morais que precisavam ser evidenciados. Auto confiança, auto-disciplina, independência, lealdade e obediência a uma ordem estabelecida. Eram metas a serem atingidas por meio de atividades completas e informais.

Outro autor que cita a importância do método alemão, para caracterizar a importância foi (HERKENHOFF 1983), ressaltando que Jahn estava convicto que a arte de exercitar a Ginástica era o meio mais sadio e mais eficiente para conseguir soerguimento das forças morais e físicas do seu povo.

Ele as inflamava com suas palavras nas palestras, e as inflamava descrevendo seus artigos publicados na imprensa. Com toda essa fama foi nomeado pelo Governo como instrutor de Ginástica em 1817.

Devido aos seus modos bruscos e uma maneira de falar sem rodeios, Jahn foi acusado de demagogia em 1819 quando se preparava para assumir a cadeira de professor de História no ginásio de Geifiswald foi detido e condenado a passar 2 anos de prisão nos fortes de Spandau e Vuestrin. Quando foi libertado em 1825 ainda estava proibido de fixar residência onde existisse uma Universidade ou Ginásio.

Esta condenação por demagogia ficou marcando ainda por muitos anos, já que em 1829, Jahn foi exilado pelos mesmos motivos. Em 1840 voltou para

Freiburg onde fixou residência. Neste mesmo ano recebeu a condecoração da “Cruz de Ferro”, concedida aos soldados alemães pelos seus atos de bravura.

Em 1848 foi eleito deputado à Assembléia Nacional Alemã se posicionando sempre na Ala da extrema direita. Veio a falecer no dia 15 de outubro de 1852, com 74 anos. Até hoje “Turnvater” Pai da Ginástica, é reconhecido no mundo inteiro por ter revolucionado a forma de exercitação de milhares de jovens e adultos que passaram a ser adeptos a Ginástica Olímpica. Até hoje esses adeptos que se espalharam pelo mundo todo, prestam homenagem a ele na Alemanha.

Em suas análises sobre o Turnen, Tesche (2000:142) especifica que:

No estado do Rio Grande do Sul o método alemão idealizado por Jahn foi utilizado pelos imigrantes e seus descendentes teuto-brasileiros para manter viva esta educação corporal, entretanto não ficou somente na educação corporal, sendo que, constitui-se num importante fato de identidade e como tal, utilizou os corpos físicos como espaço que transcendiam esta dimensão inserindo-os num significado político cultural e social indícios que constatamos em todo o período deste estudo na cidade de Joinville.



Esta prática corporal era reconhecida pelos europeus que imigraram no sul do país como uma prática corporal que promovia a educação do corpo. (MELO, 1998)

No momento em que os imigrantes estão se organizando para vir ao Brasil a concepção de exercitação corporal do mestre Jahn já tinha sido alterada por Adolfo Spiess (1810-1858), que como nos orienta Soares (1994:68): "Será aquele que se preocupará com a Ginástica nas Escolas, como um sistema absolutamente mecânico e funcional." Outro autor que concorda com a linha de pensamento é Teche (2001:112) ressalta que: "O método propunha que cada aula de Turnen deveria ser uma aula de ordem e disciplina."

A prática corporal dos imigrantes em terras brasileiras, na Colônia Dona Francisca, foi mudando o sentido diferentemente dos alemães da Europa. Lá a luta pela metodização da Ginástica ficou sendo evidenciada principalmente pela mudança de postura corporal ocasionada pela Revolução Industrial. O sentido da prática corporal da Colônia ficou sendo uma prática corporal mais voltada para o lazer e para perpetuar os ensinamentos das futuras gerações. O imigrante teuto-brasileiro trabalhava muitas horas diárias, a família toda trabalhava. " Isto significa que a Ginástica tornou-se uma das formas de recreação existente, e não podia ser desprezada, ainda por se tratar de uma recreação de verdadeira utilidade como relatam estes mesmos descendentes. " Sociedade Ginástica de Joinville (1958:40-41).

Porém, mesmo sendo uma forma de recreação ela tinha que ser entendida como uma prática corporal com muita disciplina e ordem. Este entendimento aparece claro na explicação feita pelo professor Paulo Unger, ex-ginasta e professor de Biologia da Univil, em depoimento a esta

pesquisadora(comunicação pessoal, 20 de novembro de 2002), relata que as aulas de Ginástica eram divididas em aquecimento e aula propriamente dita. No aquecimento os exercícios de ordem unida e marcha eram utilizados como foram de adquirir postura e disciplina. Após estas práticas corriam para aquecer o corpo. Em seguida prolongavam o aquecimento com passes utilizando bolas de medicinibol para enfatizar o aquecimento dos membros superiores que seriam mais estimulados. Depois disso a turma era dividida nos aparelhos, barra, cavalo e paralela, onde o instrutor orientava os exercícios feitos nos aparelhos. Antes de finalizar a aula, o instrutor dava liberdade para os ginastas executarem os exercícios com mais afinidade para sempre melhorar as apresentações, que eram feitas no começo de cada baile organizado pelas sociedades ginásticas.

CAPÍTULO III

JOINVILLE E O INVESTIMENTO NUMA PERSPECTIVA DA GINASTICA: O CASO DA CRIAÇÃO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS DE JOINVILLE.

Neste capítulo abordar-se-á o papel da prática corporal Ginástica na década de 1970 em Joinville.

Para intensificar as análises tornou-se relevante fazer algumas correlações no contexto brasileiro, pois o país estava vivendo nesta época, o regime militar período este como salienta Sader (1990), de grandes transformações políticas e econômicas e que tinha como intuito de se fazer valer o restabelecimento da ordem social, retomada da expansão econômica e liquidação da inflação, este sendo o ponto central da crise social. Acredita-se que os políticos e a população com os seus grupos sociais, não imaginavam que o plano do regime militar era de manter-se no poder por um longo tempo. O autor complementa que “a ordem social foi reimposta a ferro e fogo, pela repressão aos líderes sindicais, estudantis, intelectuais, aos artistas, políticos, partidos e organizações catalogadas como subversivas.” Já na Educação ressalta o texto sobre este período que “o regime militar espelhou na educação o caráter antidemocrático de sua proposta ideológica de governo.” Houveram repressões de todos os tipos como: professores presos, demitidos e mortos e o mesmo aconteceu com alguns alunos.

A ideologia militar se apoiou no binômio segurança e desenvolvimento. Ela incorporou a doutrina da segurança nacional seguindo as demais ditaduras latino-americanas dos anos 60-70 que tinham como base a ideologia da segurança nacional. Diz o autor que esta doutrina da segurança nacional tinha interesse em combater a subversão comunista como era denominada pelos militares, por meio de leis arbitráveis, aparelhamento de repressão político-policial e de controle ideológico para combater as formas de subversão (greves, lutas armadas, passeatas, agitação política etc.). (TEIXEIRA, 1993)

O Estado Militar contou com poderosos aliados que tinham interesses econômicos e políticos (grandes empresários e setores conservadores de classe média) que, inicialmente, ficaram seduzidos com as promessas de um país desenvolvido. Com o tempo a burguesia e a classe média entenderam que este regime também os controlavam, porque a repressão aumentou e se expandiu de sócios, passam a súditos.

Depois do Plano de Ação Econômica do Governo (PAEG) que era vinculado ao Regime Militar, os vários acontecimentos se desenrolaram sempre de modo arbitrário, autoritário e conservador. Na década de 1970, acontecia um período de crescimento econômico excepcional em todos os setores. O milagre econômico serviu para encobrir a violência repressiva do regime e seu autoritarismo.

Estas transformações vividas pela cidade deram impulso para o governo municipal criar juntamente com a FUNDAJE (Fundação Joinvillense de Ensino) o curso de Educação Física e Desportos, o 1º curso do Estado, onde a disciplina Ginástica, devido a esses momentos históricos passaria a ser uma das mais destacadas do currículo.

Joinville e Suas Relações com o Contexto Brasileiro

Os anos de 1970, foram intensificados por um rápido crescimento da economia brasileira. Ela comenta que a imprensa nacional e internacional utilizava a expressão milagre econômico, para esta fase. Todavia para explicar os acontecimentos existentes daquele período nos perguntamos: Milagre para quem?. Enquanto o Estado garantiu a expansão de capital, consolidação do grande capital nacional e internacional, e a entrada maciça de capitais estrangeiros na forma de investimentos e de empréstimos, o país em matéria de subnutrição, mortalidade infantil e acidentes de trabalho estava entre os primeiros do mundo. (HABERT, 1996)

Nesse período, os dados demográficos de Joinville apontam para um aumento acelerado da população, passando de 40 para 120 mil habitantes em 1964 (COSTA, 2000) e 180 mil em 1977, de acordo com Ternes (2002). Este autor comenta que Joinville era uma cidade que acompanhava a economia brasileira, já que será considerada um dos pólos mais produtivos do sul do país, com uma fase acelerada de urbanização e um forte crescimento populacional.

Com o slogan de cidade que mais cresce, mais bonita, com casas bem construídas e jardins exuberantes a cidade foi criando fama e o êxodo urbano começou a aparecer. (COSTA, 2000). Devido aos salários baixos a cidade começou a crescer desordenadamente, sem um saneamento básico para todos. A miséria e o empobrecimento ficava cada vez mais clara, e era mascarado porque as pessoas começavam a morar mais afastadas da cidade.

Porém, Joinville era uma cidade que dava indícios de crescimento econômico e já sentia falta de profissionais para suprir a demanda que precisava. Foi o que aconteceu com a idéia de criar um curso de Educação Física. Nesta

época de efervescência política Ghiraldelli Jr. (1991:174) faz algumas considerações para a época e indica que:

O desenvolvimento capitalista brasileiro se deu no sentido de aumentos velozes de concentração de renda da classe média. O ensino superior passou a significar ascensão social para alguns setores. A reforma implantada pela ditadura em 1968 através dos atos institucionais, acabou por acelerar os desejos dos setores médios em democratizar o acesso à Universidade, incentivando à privatização do ensino com a qual o governo militar colaborou através da abertura de cursos de 3º grau. Tais medidas provocariam, após alguns anos, profundas alterações na vida universitária e na qualidade de ensino.

Complementa Squissardi (2002:98):

As Faculdades foram autorizadas a funcionar porque acontecia no Brasil um processo de mudanças na educação superior, a partir da Lei da Reforma Universitária (Lei 5.540/68). Era uma articulação do “programa político das forças então no poder, que visava o desenvolvimento do país de modo vinculado/atrelado aos centros hegemônicos do capitalismo internacional.” Isto acontecia também porque as grandes empresas multinacionais exerciam grandes poderes, em face da fragilidade da empresa nacional. O objetivo da reforma universitária era, ao mesmo tempo, reorganizar o ensino superior em todos os seus aspectos legais, estruturais, político-acadêmico e gerenciais, profundas interferências sobre os objetivos e as perspectivas teórico-metodológicos do ensino.

Nas décadas 1970 e 1980 o Estado buscou a expansão da educação superior com poucos investimentos públicos (poucos recursos materiais e humanos e nacionalização das atividades acadêmicas). Com todos estes objetivos, convocou a iniciativa privada para a tarefa de expansão onde apareceram os seguintes fenômenos:

- multiplicação descontrolada de instituições isoladas de ensino superior, de baixíssimo nível, sob o patrocínio dos empresários e políticos locais.
- massificação do ensino superior especialmente no sul, com flagrante baixa da qualidade de ensino ministrado.
- aumento do processo de privatização, sem perda do controle político-administrativo do Estado sobre esse nível de ensino, dada a sua posição

vista como estratégica para o desenvolvimento industrial nos moldes então concebidos.

A concretização do Curso Superior de Educação Física e Desportos se apoiou no setor público com o impulso do Governo Municipal e pelo setor privado reunido como FUNDAJE (Fundação Joinvillense de Ensino) que já contava com outros três cursos, alimentava cada vez mais o sonho de criar a futura Universidade de Joinville . (Murilo Barreto, comunicação pessoal, 05 de outubro de 2002).

Comenta Nilson Bender, (comunicação pessoal, 10 de janeiro de 2003), prefeito daquela época em entrevista a pesquisadora, que muitos descendentes dos primeiros imigrantes que participaram ativamente da vida social e esportiva da Sociedade Ginástica de Joinville possuíam cargos de destaque na sociedade Joinvillense como por exemplo: na política e no setor privado, por isso acreditamos que o setor privado apoiou intensamente a inclusão deste curso.

Na época a Sociedade Ginástica de Joinville disponibilizou totalmente a sua estrutura física e de material para a estruturação da Faculdade. Joinville em 1970 seguiu o modelo nacional que instaurava e criava cursos superiores para atender às demandas da fase do milagre brasileiro, objetivos do sistema universitário que a política nacional apoiava. (LOPES, 1994)

A Lei de Política Nacional de Educação Física e Desportos de N° 6.251/75 tinha prioridade atribuída pelo Governo apontando que o objetivo era valorizar o homem, através da melhoria dos padrões de aptidão física e da saúde da população. O antigo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral e o Ministério da Educação e Cultura formularam varias conclusões a partir da sua

realização de um Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil realizado em 1971.

A primeira destas conclusões seria a de que a Educação Física relacionada ao sistema educacional, a organização desportiva comunitária, a circulação e transmissão de conhecimentos e a própria ação governamental eram representadas por uma legislação obsoleta. Outra dizia respeito à participação da população brasileira em atividades desportivas mostrando-se das mais baixas do mundo – 0,6% em comparação com países desenvolvidos. A terceira conclusão foi de que a distribuição territorial da “pátria desportiva” era desproporcional à distribuição demográfica. Outra conclusão aponta que havia uma concentração na preferência da prática desportiva; o Futebol absorvia mais da metade da atividade desportiva nacional, por isso a Política Nacional de Educação Física de Desportos foi constituída a fim de encontrar apoio para aumentar o número de atividades desportivas e o número de representações desportivas nacional.

Explica Bracht (1999:45) que:

Em virtude das intercessões sociais, principalmente políticas, neste momento histórico, o corpo na Educação Física teve como objetivo atribuir novos sentidos e mudar seus significados. Era para moldá-lo mais próximo das necessidades desse novo tempo (homens máquinas?) que a Educação Física deveria contribuir para que seus corpos desempenhassem produtivamente o modelo atlético esportivo, com vistas a preparar as futuras gerações para representar o país no esporte, assim como no trabalho produtivo.

Este projeto vislumbrado pelo regime militar, precisava da Educação Física para se fortalecer; como seus objetivos podiam ser alcançados por esse meio, passou a ser importante para os militares. Tinham dois eixos principais: o desenvolvimento da aptidão física, para a população trabalhadora, e o desenvolvimento do desporto para as representações nacionais, como já explicado anteriormente.

Concorda e reforça Oliveira (2001:83) que:

Além de basear-se na aptidão física e no treinamento desportivo, toda forma de trabalho físico era de interesse ideológico promovido pelo regime militar, o que significava controlar os corpos, padronizando as ações dos agente. A tecnificação das práticas corporais representaria melhoria das condições da força de trabalho, no sentido de torná-la mais eficiente e eficaz no processo de produção; a racionalidade e o planejamento da economia da educação conformavam então, as políticas públicas deixando pouco ou nenhum espaço para a intervenção dos sujeitos na história.

A Fundação da Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville: A Construção de um Marco Para a Ginástica no Estado

Nesta década de 1970 quando a faculdade foi fundada, a Ginástica no Brasil exercia grandes oportunidades de ensino, por meio dos seus métodos com objetivos militarizados. Enfim, a disciplina Ginástica no curso da Faculdade de Educação Física neste período terá uma enorme valorização sendo uma das disciplinas mais atuantes da grade curricular.

A inauguração da Escola de Educação Física foi um marco para a educação em Joinville, em função da mobilização que sua constituição gerou e pelo fato de seu estilo de formação de proliferar por toda Santa Catarina, por meio dos professores nas demais regiões.

A Escola Superior de Educação Física e Desportos foi autorizada a funcionar pelo Decreto Federal Nº 66.313 de 13 de março de 1970 (ANEXO II) e foi integrada à Fundação Joinvillense de Ensino (FUNDAJE) e era caracterizada por ser de natureza híbrida - pública e particular.

A escola habilitava inicialmente profissionais para trabalhar com alunos de 1º e 2º graus. Somente em 1971, com a nova estrutura do magistério a partir da Lei Nº 5.692/1971, o graduado recebia por meio da Licenciatura Plena, a oportunidade de atuação em todos os níveis de ensino. (PAVANELLO, 1995)

A aula Magna foi proferida no auditório do Colégio Normal dos Santos Anjos pelo Coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira, diretor da divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Cultura, com o seguinte tema “Novos dias da Educação Física no Brasil” e que provocou uma importante repercussão na cidade, como entre professores e alunos da nova Escola .

O objetivo do autodenominado Governo Revolucionário, salienta Costa (1971:7) que: “ Estava no sentido de aperfeiçoar o homem brasileiro em todos os seus aspectos e melhorar sua qualidade de vida; a política nacional, inclusive, apresentava forte ligação entre as atividades físicas e o desporto e as políticas de saúde e educação.

Há indicadores de que na palestra o Coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira abordou pontos que determinariam uma política nacional para o setor com bases científicas e racionais para permitir, em prazos médios, segundo aquela proposta, aperfeiçoar os recursos humanos disponíveis no Brasil.

As informações disponíveis demonstram que apesar de observarmos que o modelo de desportivização estar em destaque naquele período com apoio do novo plano governamental, a ginástica era incentivada por possuir muitos métodos que se moldavam aos objetivos e ideologias da época militarista, higienista e competitiva, sendo utilizadas também nesta escola investigada. (PAVANELLO, 1995:53)

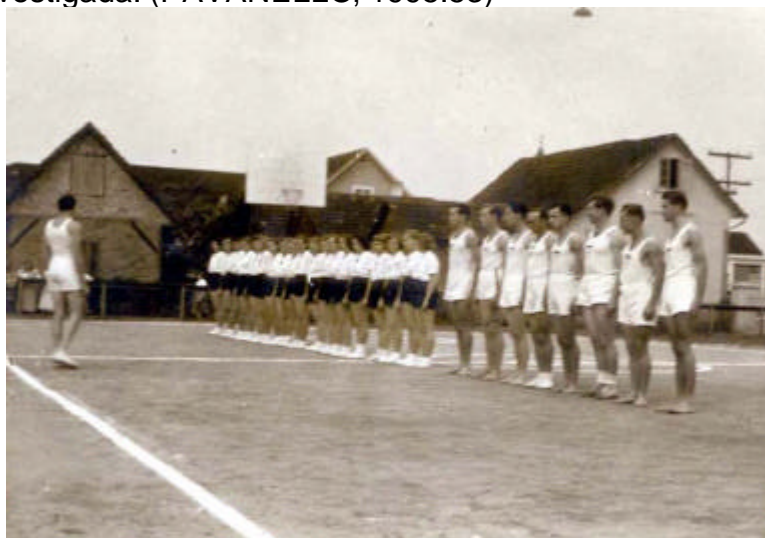


Foto 14 Início de uma aula mista

Marinho (1983:95) cita:

Grandes tendências da Educação Física que vão ser dominantes em diferentes períodos e que ao final de várias décadas, mostra um cenário de conflitos de influências. O método francês de *Joinville Le Pont* vigente por 25 anos, tinha obtido grande assimilação no Brasil, incorporando-se à cultura nacional. A calistenia dominou a Marinha, as Associações Cristã de Moços (ACMs) e os colégios de linha americana, sendo também aceita pela Escola de Educação Física do Exército. A Ginástica acrobática foi desenvolvida pela Aeronáutica, Exército e forças auxiliares. A ginástica sueca e o método Educação Física Desportiva Generalizada foram empregadas nas escolas especializadas e a ginástica feminina moderna já apresentava-se como base da Educação Física Feminina em boa parte do país.

No parecer N° 113/65 que autoriza o funcionamento da Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville, constata-se que os professores autorizados a ministrar as aulas, inclusive de Ginástica, eram formados na Escola Superior de Educação Física do Paraná.



Foto 15 Ginástica Feminina com instrutor

O prefeito, Nilson Bender, que conhecia o professor Murilo Barreto, professor de Educação Física, formado pela Escola Superior de Educação Física do Paraná, convidou-o para fundar e ser diretor desta que seria a primeira Escola de Educação Física e Desportos de Santa Catarina.

Comenta o professor Antônio José da Rosa, (comunicação pessoal, 10 de agosto de 2002) em depoimento à pesquisadora, que a idéia inicial era fundar uma escola de Educação Física em Joinville devido a carência de pessoas

habilitadas para organizar e efetuar os Jogos Abertos de Santa Catarina, que já se mostrava de grande importância no Estado. Então o professor Murilo Barreto em contato com o prefeito pediu para que isto se concretizasse. Este pedido se deu por volta dos anos de 1960-1970, período este que ficou estabelecido que os jogos abertos se concretizaria em Joinville. O professor Murilo viajou para o México a fim de observar a organização das Olimpíadas para implantar algumas novidades. A idéia de implantar a faculdade estava sendo germinada.

Depois que os documentos estavam em andamento, a preocupação maior foi com o corpo docente. Os primeiros contatos foram com os professores formados pela Faculdade de Educação Física do Paraná.

Ainda, Antônio José da Rosa, em depoimento à pesquisadora, este professor que foi fundador desta Escola, salienta que o professor Murilo Barreto, primeiro diretor desta Escola, acabou trazendo três professores do Paraná para dar continuidade ao processo de reconhecimento da faculdade. Eles foram contratados pela FUNDAJE como professores de práticas desportivas nos cursos de Filosofia. Passados alguns meses, como não recebiam notícias favoráveis sobre o processo de reconhecimento, resolveram verificar o processo no Conselho Federal no Rio de Janeiro. Este processo estava engavetado por conterem erros na sua constituição. Carregados de informações para contornar esta situação, os três professores trabalharam juntamente com o professor Murilo e “com muita vontade e determinação”, como nos diz Rosa, conseguiram reabrir o processo e receber o reconhecimento no mesmo ano . Diz Rosa (comunicação pessoal, 05 de dezembro de 2002) *“os verdadeiros fundadores da Faculdade de Educação Física foram os professores que pertenciam a este grupo que conseguiram levar adiante o processo de reconhecimento.”*

O Curso de Educação Física de Joinville, tal como outros que se constituíram no país, eram direcionados para o saber fazer e não desenvolviam a reflexão crítica, num momento em que a legislação, especialmente os decretos de 1969-1970 foram marcantes para a implantação do Curso de Educação Física de Joinville. O conceito “bio-psico-social” foi incorporado ao discurso legal onde se buscou enfatizar, também, as finalidades formativo-educativo do esporte, começando a questionar o conceito fisiológico e a estrutura dos métodos ginásticos, propondo o desporto como conteúdo privilegiado.

Segundo Pavanello (1995:53):

A Escola de Educação Física e Desportos de Joinville, a partir da Lei Nº 5692/71 assegurava ao graduado a Licenciatura Plena, Licenciatura para atuar em todos os níveis de ensino 1º e 2º graus e anulava as disposições da Lei anterior Nº 12/12, datada de 17/04/39, que delimitava a atuação do professor de Educação Física ao magistério secundário e superior. O ensino da Educação Física no denominado “primário” ficava a cargo das professoras normalistas que se formavam no Curso Normal de Educação Física em Florianópolis, em nível de ensino médio.

Em 30/12/69 a Comissão de Ensino Superior aprovava em sessão plenária, o processo Nº 180/69, dando o seguinte parecer:

- Devido a falta de elementos qualificados para o Ensino da Educação Física no Estado apoiavam o funcionamento do curso por ser necessário para o desenvolvimento do processo educacional de Santa Catarina.
- Recomendava que a FUNDAJE deveria reforçar as dotações orçamentárias para a melhoria do curso.
- Lembrava que a Escola deveria mandar até setembro de 1970, a relação dos professores dos segundo e terceiro anos do curso.

Desde a sua criação a Escola, por meio de seu Regimento interno datado de 1970 e em vigor durante décadas, continha as seguintes finalidades:

- a formação do profissional para o exercício do magistério;

- a pesquisa e o desenvolvimento da ciência, objeto do seu ensino;

A grade curricular e as ementas foram trazidas também da Faculdade de Educação Física do Paraná e, posteriormente, sendo modificadas de acordo com a experiência dos professores de cada modalidade distinta, como transparecem nos depoimentos dos primeiros professores. Para completar o quadro dos docentes, outros alunos recém-formados na Escola de Educação Física do Paraná foram trazidos para disciplinas técnico-pedagógicas e também para as disciplinas médicas.

Relata Dulce Iara Borges da Conceição (comunicação pessoal, 10 de agosto de 2002), uma das primeira professoras deste curso responsável pela disciplina de Recreação, declara em depoimento à pesquisadora, que os lugares para as aulas teóricas de algumas disciplinas, dado que o Curso de Educação Física não dispunha de sala de aula, eram algumas instalações improvisadas nos clubes sociais da cidade, inclusive na Sociedade Ginástica de Joinville. Ela tinha o seu “quadrinho negro” e muitas vezes dividiu o ambiente da churrasqueira com o professor de Biologia e Higiene: *“a criatividade em elaborar situações educacionais era indispensável.”*

A 1ª turma do curso de Educação Física em 1970 contou com 72 alunos, distribuídos em duas turmas, ingressos no vestibular unificado FUNDAJE-UDESC.

Para ingressar no curso, além do teste escrito, existia o teste de Aptidão Física que avaliava se o aluno estava em plenas condições físicas e motoras para o trabalho corporal. Mantinha a distinção entre gênero masculino e feminino, tanto no ingresso, como em algumas disciplinas que eram feitas só para homens ou só para mulheres, além de existirem algumas disciplinas com turmas mistas.

Pela grade curricular observa-se a ênfase dada às disciplinas desportivas (360 a 580 horas), porém mantendo, num primeiro momento do curso, a importância das disciplinas de Ginástica (384 a 580 horas).

A Lei de Política Nacional de Educação Física e Desportos Nº 6.251/75, tinha prioridade atribuída pelo Governo apontando que o objetivo era valorizar o homem, através da melhoria dos padrões de aptidão física e da saúde da população. O antigo Ministério do Planejamento e Coordenação Geral e o Ministério da Educação e Cultura formularam várias conclusões a partir da sua realização de um Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil realizado em 1971.

A primeira destas conclusões seria a de que a Educação Física relacionada ao sistema educacional, a Organização desportiva comunitária, a circulação e transmissão de conhecimentos e a própria ação governamental eram representadas por uma legislação obsoleta. Outra dizia respeito à participação da população brasileira em atividades desportivas mostrando-se das mais baixas do mundo - 0,6 % em comparação com países desenvolvidos. A terceira conclusão foi de que a distribuição territorial da “pátria desportiva” era desproporcional à distribuição demográfica. Outra conclusão aponta que havia uma concentração na preferência da prática desportiva; o Futebol absorvia mais da metade da atividade desportiva nacional, por isso a Política Nacional de Educação Física e Desportos foi constituída afim de encontrar apoio para aumentar o número de atividades desportivas e o número de representações desportivas nacional.

A partir de todas estas conclusões do diagnóstico em questão é que escolas como a de Joinville receberam apoio e obtiveram o seu reconhecimento, como é o caso desta que em 11/04/75 foi reconhecida oficialmente pelo Decreto

Federal N° 75.600; ainda que o apoio se restringisse aos aspectos legais do funcionamento.

Os espaços físicos da Escola de Educação Física eram todos na área central, mas ficavam distantes um dos outros. Foram firmados alguns convênios com outras instituições da cidade para as aulas práticas e teóricas, até que a construção no novo campus ficasse pronta.

As aulas das disciplinas práticas e desportivas eram no Ginásio Palestra Abel Schulz, as aulas da disciplina de Atletismo no América Futebol Clube, a Natação no Joinville Tênis Clube, e as aulas de Ginástica na Sociedade Ginástica de Joinville, lembrando ainda mais suas raízes históricas. As disciplinas teóricas eram desenvolvidas no antigo prédio da Faculdade de Engenharia de Joinville, no Colégio Santos Anjos e no Hospital São José, conforme informa Célia Perini, aluna da primeira turma e, logo em seguida, professora das disciplinas de Ginástica Rítmica e Ginástica Olímpica, em depoimento à pesquisadora.

A Biblioteca possuía pouco acervo, menos ainda acervo específico, e poucos periódicos, o que parece ser coerente com o próprio estado de produção acadêmica da área naquele período. Os materiais específicos eram usados por meio do convênio firmado com as entidades e adquiridos, muitas vezes, por meio da disposição dos professores e alunos em trabalhar nas férias organizando cursos para arrecadar dinheiro utilizado na compra de material para as aulas.

Uma observação feita por Pavanello (1994) é que se incorporou à Escola de Educação Física, um espírito de integração Escola/Comunidade, no qual os alunos sempre estavam presentes colaborando com a comunidade quando eram solicitados para atuarem em competições municipais e estaduais, coordenação de eventos cívicos, bem como apresentações coreográficas, entre outras atividades.

Em 1971 a FUNDAJE alterou sua sigla para FUNC (Fundação Universitária do Norte Catarinense) e em 1977 passou para a sigla FURJ (Fundação Universitária da Região de Joinville). Quando o prefeito Pedro Ivo Campos, em 1975, construiu o campus universitário no bairro do Bom Retiro, todos os cursos passaram a funcionar nas novas instalações e, ao atuar como uma instituição universitária voltada ao ensino superior, teve reforçado seu perfil inicial de atendimento às necessidades da comunidade local e regional.

Diz Lopes (1994:34) que: “ Em 1970 seguiu-se o modelo nacional que instaurava e criava cursos superiores para atender às demandas da fases do milagre brasileiro, objetivos do sistema universitário que a política nacional apoiava.” Com isso, a FURJ teve um atraso nos recursos didáticos porque a prioridade era investir nos recursos físicos e de materiais. Lopes (1994:54) também salienta que: “Nesta perspectiva, a educação aparece como formadora da força de trabalho especializada e da internalização de valores sociais necessários para a estabilização da ordem vigente.”

As disciplinas que foram aprovadas para dar início ao Curso de Educação Física foram orientadas, inicialmente, com realidades diferentes. Antônio José da Rosa, em seu depoimento diz que *“Neste ano, o aprendizado foi muito importante porque aprendemos muito com os alunos. Eles traziam a realidade para nós. O grupo de alunos juntamente com o grupo de professores tiveram uma união e espírito de amizade pois o aprendizado era intenso.”*

a Ginástica no Currículo do Curso Superior em Educação Física: Uma
Perspectiva de Sua História

Falar sobre sistemas e métodos da Ginástica no início do funcionamento da Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville é reconstruir grande parte da história da Educação Física e da Ginástica no Brasil. Seguindo os programas das disciplinas da época (ANEXO III), pode-se perceber quais os conteúdos escolhidos pelos professores de Ginástica. Além disso, os documentos pessoais e depoimentos dos primeiros professores de Ginástica, os seus métodos utilizados, os seus procedimentos metodológicos e suas respectivas avaliações, possibilitam que possamos compreender melhor a trajetória da ginástica nesta escola.

O primeiro professor de Ginástica Masculina deste Curso foi também membro fundador da Escola, Prof. Eros José Busemeyer. A sua formação universitária era composta de 2 cursos superiores: o de Educação Física formado pela Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Paraná - Curitiba concluído no ano de 1968, e formado no curso de Geografia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Artes pela FUNDAJE em Joinville. Cursou e obteve os títulos de duas pós-graduações com especialização em Geografia Urbana. O professor tinha sua carga horária reduzida na Faculdade, mantendo outros vínculos empregatícios. Era professor das redes estadual e particular, desenvolvendo por muito tempo atividades nos Grêmios Esportivos das empresas.

Quando inquirido sobre em que se baseou para criar as ementas das disciplinas de Ginástica, ele comentou que criou com base nos conhecimentos obtidos na sua graduação sobre as matérias lecionadas e nos fundamentos

técnicos dos exercícios a serem empregados. A visão que ele gostaria que o aluno tivesse era de que *“a sua condição física era parte importante do desenvolvimento do trabalho.”*

No conteúdo programático, o prof. Eros centrava seu trabalho nos sistemas ginásticos mais difundidos e seu procedimento pedagógico era *“explicá-los na teoria e aplicá-los na prática.”* Diz ele que explicava mais, por força das circunstâncias da época na qual os militares impunham, o sistema sueco. Por ele, os sistemas mais adequados eram a Educação Física Desportiva Generalizada, o Método Natural de Hebert, o Sistema Austríaco e a Calistenia de Wood e Skarstow e do Instituto Técnico de Montivideo.

As aulas eram ministradas no salão do Pavilhão da Sociedade Ginástica de Joinville, bem como as ruas que davam acesso a mesma. Utilizava o pátio interno (quando não chovia, o salão de festas e a sala de tatami). Posteriormente, passaram a utilizar vários outros lugares, tais como: Campo de Futebol do América, Pista de Atletismo do 62º Batalhão de Infantaria do Exército.

Para o desenvolvimento da aula, os alunos e professores eram obrigados a usar o uniforme idealizado pela escola e ressalta que nem os professores, nem alunos achavam esta prática ruim, porque o sentimento que todos tinham era de orgulho por estar usando-o. Quando o Curso de Educação Física foi transferido para o campus, esta prática ainda persistiu.

O professor era habituado a desenvolver vozes de comando que ele utilizava nas mais diversas circunstâncias, sempre com resultados positivos, segundo sua interpretação. Por fim, seu sistema de avaliação tinha coerência com o andamento das aulas; a avaliação era dividida em avaliação teórica e prática. Na avaliação prática a importância era dada à *performance* dos alunos ao

executar os exercícios e ao ensinar os exercícios, utilizando os movimentos com o mesmo padrão motor do professor.

A Ginástica Feminina tinha uma ementa completamente diferente da masculina e tinha como responsável a professora Cosete Tavares, a qual ficou nesta função por poucos anos no início do Curso, diferentemente do Prof. Eros que trabalhou lá por mais de uma década. Quando a professora Ivonete Ouriques da Rosa se formou, ela logo assumiu a disciplina e desenvolveu a mesma ementa que já estava estabelecida, porém aos poucos foi organizando os conteúdos.

A Professora Ivonete Ouriques da Rosa, fez o Curso Normal de Educação Física, requisito para todos aqueles que quisessem lecionar a disciplina de Educação Física neste período, exatamente porque, até então, não existia um curso universitário no Estado. Este curso, pelas legislação do Estado, conferia à pessoa o título de Professor Normalista, especializado em Educação Física e designado pelo Departamento de Educação Divisão de Ensino Médio situado em Florianópolis.

Esta professora foi aluna da primeira turma a formar-se no Curso de Educação Física e Desportos de Joinville e logo ao terminar em 1973, foi contratada pelo Professor Murilo para ser professora responsável pela disciplina de Ginástica Feminina e Ginástica Rítmica da Faculdade. A Professora Ivonete (comunicação pessoal, 11 de agosto de 2002, conta que tinha um dom especial em desenvolver as aulas e trabalhar com o corpo seguindo os métodos idealizados no Brasil por Ilona Peuker, Erica Sauer (Ginástica Rítmica) e Stella F. Guérios. Gostava de trabalhar com os alunos os exercícios de formações corporais, seguidos de exercícios para educação do movimento. Como resultado desse trabalho apresentavam coreografias da chamada Ginástica de

Demonstração, a qual valorizava os elementos coreográficos com ou sem materiais.

Os procedimentos metodológicos eram sempre desenvolvidos com aulas práticas, com música onde a pianista tocava as melodias para execução dos movimentos gímnicos. Esta pianista acompanhava sempre o professor de Ginástica e tinha formação musical para este trabalho, fazendo parte do quadro de funcionários da Curso de Educação Física e Desportos.

Na avaliação, as alunas tinham condições de criar coreografias com movimentos estipulados, o que permitia alguns momentos para despertar a criatividade através dos movimentos e dos espaços vivenciados. A avaliação era averiguada na demonstração dos movimentos, constituindo-se em avaliações práticas voltadas para o saber-fazer e repetindo boa parte dos movimentos executados pela professora.

Para que esta disciplina pudesse ter materiais adequados para a prática dos exercícios, a professora e alunas também se organizavam nas férias fazendo cursos para arrecadar fundos para a compra desses materiais, como já evidenciado anteriormente.

O espaço físico para ministrar as aulas era precário e sem condições imediatas de melhoramento, até a construção do campus. As aulas de Ginástica eram desenvolvidas nas dependências da Sociedade Ginástica, às vezes no salão principal onde aconteciam os bailes, e às vezes nos corredores de acesso a este salão. A dificuldade em executar os movimentos era grande, pois encravavam o piso deixando-o escorregadio, como relata a professora. As alunas utilizavam uniformes padronizados pela faculdade para esta disciplina, constituído de *collant*,

meia e sapatilhas, ocorrendo com elas o mesmo orgulho em seu uso que o relatado pelo professor da disciplina de ginástica masculina.

Estas metodologias foram incorporadas por muito tempo neste que é o primeiro curso de Educação Física do Estado, sendo por muito tempo após a sua fundação, referência estadual nesta formação profissional. Isto ocorreu, em primeiro lugar, por estas metodologias estarem sendo utilizadas em todo o país, formando uma geração com uma pedagogia do corpo, típica dos anos 1970, profundamente vinculada com a formação militarizada que ocorria na Educação Física da época. Um outro destaque é que estas metodologias se tornariam a base do ensino da Ginástica em Santa Catarina, em função da maioria dos seus alunos das primeiras turmas passaram a exercer o magistério no ensino superior no próprio Estado, nas escolas que se criam nos municípios de Blumenau, Criciúma e duas na capital, Florianópolis. Estes professores formados na Escola Superior de Educação Física e Desportos de Joinville, em suas primeiras turmas, foram responsáveis e atuantes na abertura das primeiras faculdades existentes no Estado, e acabaram por sedimentar este tipo de concepção de ginástica, entre outras práticas corporais, por um longo tempo neste Estado.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVANDO A GINÁSTICA EM JOINVILLE

Quando uma colega de trabalho definiu história como uma busca constante, impulsionou uma busca para melhor compreender quais as relações culturais que a cidade dinamizou desde a sua implantação, como colônia Dona Francisca.

Com essa perspectiva, o estudo da Sociedade Alemã de Ginástica tornou-se imprescindível, pois constatou-se que os primeiros imigrantes já traziam na sua bagagem cultural o denominado na época de Método Alemão, o *Turnen* de Jahn que foi também o primeiro método a ser aplicado nas escolas do Império Brasileiro por meio de suas políticas educacionais. Porém, como era um método muito rígido, mais militarizado, foi logo substituído nas escolas pelo método Sueco, este considerado mais de cunho pedagógico.

A Ginástica teve papel importante na formação da população brasileira a partir do século XIX, sendo, inclusive, sinônimo do termo Educação Física; por meio da ginástica, diziam os discursos oficiais, toda a população poderia se beneficiar destes exercícios. Os objetivos destes métodos, elaborados para fortalecer e aperfeiçoar o ser humano, buscavam ao mesmo tempo, controlar os corpos do novo Homem que estava sendo constituído para a sociedade industrial moderna do século XX. Porém no começo, esta prática corporal, não foi bem aceita pela classe dominante por entender que ela era depreciativa, de baixo

nível, pois o importante era estimular o intelecto. Toda esta prática relacionada às mulheres demorou ainda mais, pois o importante era vislumbrar os aspectos femininos da época, que dentre eles fazer exercícios era de caráter masculino.

Na Colônia Dona Francisca, a vida transcorreu com algumas diferenças; os imigrantes teriam que começar uma vida nova e para obter resultados, teriam que vencer não só pelo trabalho, mas principalmente, pela união e organização da população. Para isso, não mediram esforços para manterem sua identidade étnica e cultural, elemento que os unia e que perdura até nossos dias. A tradição de ser um povo “fechado” talvez seja decorrente da situação inicial de isolamento que deve ter contribuído para tornar estas atitudes mais visíveis. As interações entre etnias foram ocorrendo muito lentamente, mas foram vencendo obstáculos e reagindo conforme os diferentes momentos históricos.

Entre os aspectos mais relevantes identificados nesta pesquisa, está a organização dos clubes e sociedades de Joinville, fundados de acordo com as identidades étnicas e culturais dos diferentes grupamentos que constituíam esta população, utilizando-se da Ginástica, entre outras práticas corporais, para a manutenção das identidades de cada grupo. Entre estes grupos, um se encontrava mais fortalecido por vivenciar a supremacia com os aspectos mais organizativos, inclusive em torno de um tipo de nacionalismo que lhes dava identidade; outro por vivenciar esta mesma organização na supremacia econômica e política na região, o que lhe conferia algum status frente aos demais; um grupo, também, buscava em pequena comunidade, constituir uma forma de organização social coerente com seus princípios de vida; e outro, ainda, tentando resgatar e fortalecer uma identidade violentada e quase perdida. Como a Colônia Dona Francisca passou a ser uma cidade de caráter empreendedor, os novos

imigrantes que foram chegando escolhiam um grupo para se apoiar com o qual tinham mais afinidades culturais, esportivas, sociais e políticas.

Neste contexto marcado pelas relações entre os clubes e sociedades mais destacados na região, identificou-se que o Clube Joinville tinha um caráter mais marcado pelos objetivos políticos e menos, porém ainda existente, de conagração cultural. Os homens luso-brasileiros se encontravam para conversar sobre política e para jogos de salão e as mulheres freqüentavam o clube mais por ocasião de um baile dançante. A Sociedade Beneficente Clube Kênia apareceu somente muitas décadas depois, quando a cidade estava em pleno processo de industrialização, marcada pela dança e pela priorização do apoio mútuo numa comunidade negra segregada, porém, para os afro-brasileiros o resgate de sua identidade, de sua auto-estima, de sua valorização étnica, de sua contribuição para o progresso da Nação ainda estava em processo de reconhecimento e assimilação, iniciado e construído por muito tempo e, talvez, ainda hoje. Já os anarquistas franceses e seus descendentes brasileiros tiveram que conviver com a falência de seu projeto político, porém, com vantagens em função de sua cultura urbana e domínio da técnica e marcados pela importância atribuída às práticas corporais que fazem parte de sua concepção e de seus projetos educacionais.

Depois do processo de investigação desenvolvido na tentativa de encontrar as relações dos métodos ginásticos com essa região, constatou-se que este tipo de prática corporal ficou restrito às famílias teuto-brasileiras, as quais, também por meio da ginástica, trouxeram a princípio uma nova forma de pensar sobre o corpo, uma nova forma de organização das práticas corporais que sem dúvida estimulou uma transformação nos rumos da Educação Física do Brasil.

Com respeito à Colônia Dona Francisca, região inicialmente estudada, esta prática corporal também foi adotada como uma forma de recreação, conseguindo por muitas gerações, manter vivo o espírito de nacionalismo e de identidade étnica e cultural, esboçado nas suas tradições educacionais, sociais, culturais e esportivas. Acredita-se que esta prática corporal, por muitas décadas, teve tanta importância para a sociedade joinvillense, que acabou influenciando os políticos, empresários, enfim, a população em geral, a apoiar a fundação da Escola Superior de Educação Física na cidade.

Ao analisar a fundação da Escola de Educação Física e abordar a disciplina de ginástica nesta faculdade, nos primeiros anos de fundação, salientamos que a Joinville dos anos de 1960 e 1970, citada como a “Manchester Catarinense” e pólo industrial importante do sul do país, com sua população, políticos e empresários vislumbraram uma universidade que deveria ter suas primeiras faculdades, naquelas funções sociais mais utilizadas no processo de desenvolvimento.

Especificamente o Curso de Educação Física, um grupo de professores trabalhou muito para esta concretização, aproveitando o momento histórico e político do Governo Federal, o qual incentivava e apoiava a abertura de cursos de Educação Física no país. Acredita-se que a Ginástica se efetivou neste período porque dentre de suas especificidades e seus conteúdos existiam práticas corporais que o regime militar necessitava, para disciplinar o corpo, naquele momento histórico, tanto para o aperfeiçoamento da saúde da população, quanto para construir a ordem, a disciplina, e demonstrar uma nacionalização.

Consequentemente a Faculdade de Educação Física e Desportos de Joinville, a primeira do Estado de Santa Catarina, por meio dos primeiros

professores de Ginástica, com seus métodos e ensinamentos, conseguiu expandir este modelo para as demais faculdades de Educação Física do Estado. No entanto, este modelo de programa de ensino perdurou por muito tempo sem as devidas reflexões da sua continuidade.

Contudo, compreendendo melhor as raízes históricas da ginástica e com o intuito de possibilitar uma outra forma de prática corporal, percebe-se que novas possibilidades educacionais da ginástica, com outros objetivos, precisam ser incluídas no contexto da disciplina Ginástica no curso de Educação Física da Univille.

Autoras Ayoub (1998) e BONETTI (1999) concordam que a Ginástica precisa avançar na proposição de achar uma saída para reestruturar suas metodologias de ensino. Conforme as pesquisas efetuadas, a Ginástica precisa oferecer ações que tenham significados culturais para os praticantes, que as novas formas de exercitação em confronto com as práticas tradicionais permitam oferecer aos alunos um sentido próprio às suas exercitações ginásticas, discurso também presente na obra “Metodologia do Ensino de Educação Física”.

Por fim, é preciso imaginar um projeto de Ginástica que contribua com as experiências vividas, com a autonomia, com o diálogo, com criatividade, com processo de criação e com participação ampla, entre outras coisas. De acordo com a perspectiva de Ayoub (1998:48):

Compete a nós, educadores do corpo, ou simplesmente educadores, romper os vícios do passado e do presente, e imaginar uma Ginástica Contemporânea que privilegie, acima de tudo, o humano do homem, o que quer dizer o homem-cultura, e não homem-máquina, o homem-sujeito e não o homem-objeto, o homem-liberto e não o homem-alienado.

Estes são os objetivos que movimentam todo o processo na direção de contribuir com a reconstrução histórica da Ginástica e com a construção de novas

perspectivas de (re)significação no país e em nossa realidade profissional, visão que foi especialmente possibilitada por meio desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. C. de (1987). *Abolição e reforma agrária*. São Paulo: Ática.
- AYOUB, E. (1998). *A ginástica geral na sociedade contemporânea: perspectiva para a educação física escolar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação Física.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Persona.
- BASTOS, L. da R. , PAIXÃO, L., FERNANDES, L. M. e DE LUIZ, N. (200). *Manual para elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias*. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC.
- BEHS, E. (2001). *O processo de abasileiramento da igreja dos alemães*. Florianópolis: UFSC. (Dissertação em História).
- BÖBEL, M. T. (2001). *Joinville os pioneiros: documentos e história*. Joinville: UNIVILLE. (V. I – 1851 a 1866)
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Codex-Portugal: Porto Editora.
- BONETTI, A. (1999). *Ginástica: em busca de sua identificação no âmbito escolar*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. (Tese de Mestrado).
- BRACHT, V. (1999). *A constituição das teorias pedagógicas da educação física*. Campinas: Corpo e Educação. (Cadernos CEDES 48).
- BUENO, S. (2000). *Mini-dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD.
- CHACON, V. (2000). *História das idéias socialistas no Brasil*. São Paulo: FTD.
- COELHO, I. (1993). *Joinville e a campanha de nacionalização*. São Carlos (SP). (Dissertação de Mestrado).
- COIMBRA, A. (1991). *François d' Orléans, príncipe de Joinville: o coronel Lutherod e o homem do chapéu grande*. Joinville: Arquivo Histórico de Joinville.
- COSTA, L. P. da (1971). *Diagnóstico de educação física e desportos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Fundação Nacional de Material Escolar.
- DEVEGILLI, M. T. N. (1989). *A nacionalização da "loura" Joinville- 1937-1942* : FURJ. (Monografia de Pós-Graduação).

FERREIRA NETO, A. (1996). *Educação física e sociedade, um diálogo epistemológico*. Pesquisa histórica na educação física. Vitória: Centro de Educação Física e Desportos.

GIL, A . C. (1996). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas S.A.

_____(1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5 ed. São Paulo: Atlas S. A.

_____(1991). *Pesquisa em economia*. 2 ed. São Paulo: Atlas S. A.

GOELLNER, S. V. (2000). *Bela maternal e feminina: imagens da mulher na revista de educação física*. In Ferreira Neto, Amarílio (org) Pesquisa histórica na educação física, vol 5 Aracruz E.S. FACHA.

GUEDES, S. P. L. de C. (1998). *História de (l) migrantes: o cotidiano de uma cidade*. Joinville: UNIV ILLE.

GUIRALDELLI JR, P. (1991). *História da Educação*. São Paulo: Cortez.

HABERT, N. (1996). *A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira*. 3. ed. São Paulo: Ática.

HERING, M. L. R. (1987). *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. FURB.

HERKENHOFF, E. (1983). *Sociedade Ginástica de Joinville*. Edição comemorativa aos 125 anos da sociedade e ginástica de Joinville. Jornal A Notícia. Joinville, 15 nov.

_____(1987). *Era uma vez um caminho*. Joinville, Fundação Cultural.

LOPES, M. G. M. (1994). *Articulação e combinação de interesses na viabilização da criação da Universidade da Região de Joinville – Univille*. Curitiba, (Tese de Mestrado).

KOSSOY, B. (1989). *Fotografia e história*. São Paulo: Ática.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M.(1996). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretações de dados*. 3ed. São Paulo.

_____(1999). *Técnicas de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas.

MARINHO, I. P. (1983) *História da Educação Física no Brasil*. São Paulo: Brasil.

MELO, V. A . de (1998). *A Educação Física nas escolas brasileiras do séc. XIX: esporte ou Ginástica?* In Ferreira Neto, Amarílio (org): Pesquisa histórica na educação física. vol –3 Aracruz E.S. FACHA.

_____. (1999). *História da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. São Paulo: Ibrasa.

MENDONÇA, S. R. F. e MARIA, V. (1996). *História do Brasil recente 1964-1992*. 4ed. São Paulo: Ática.

MOSKOVITZ, D. (1999). *Safety Issues in General Gymnastics*. Disponível em < <http://www.usa-gymnastics.org/publications/technique/1999/9/ggsafety.html>.

NETO, A . F. (2001). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória:Proteoria.

OLIVEIRA, C. G. de (1984). *Integração: estudos sociais e históricos*. Florianópolis: Gráfica Canarinho.

OLIVEIRA, M. A . T. de (2002). *Para uma crítica da historiografia: Ditadura Militar, Educação Física e negação da experiência do professor*. In Ferreira Neto, Amarílio (org) *Pesquisa histórica na educação física*, vol 6 Vitória E.S. Proteoria.

PAES, M . H. S. (1997). *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. 4. ed. São Paulo: Ática.

PAVANELLO, V. L. A . B. (1995). *O ensino de língua portuguesa no curso de Educação Física da Univille: uma abordagem instrumental*. São Paulo: PUC, (Tese de Mestrado).

PIAZZA, W. F. (1983). *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: UFSC.

PRADO JÚNIOR, C. (1983). *História econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

PÚBLIO, N. S. (1998) *Evolução histórica da ginástica olímpica*. São Paulo: Phorte.

RICARDO, A . J. F. (2001) *O clube Joinville de 1905 à 1907*. Joinville: Revista Univille v.6 n 2 p- 71-80 (dez.).

S'THIAIGO, R. !988). *Coronelismo urbano de Joinville: o caso de Abdon Batista*. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina.

SADER, E. (1990) *A transição no Brasil: da ditadura à democracia*. São Paulo: Atual.

SANTOS, E. J. S. e PALHARES, N. (2002). *Da eugenia à ginástica do séc.XIX à reforma educacional de 1910 em Mato Grosso*. Disponível em < http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev14de_eugenia_html.

SCHNEIDER, A . B. (1984). *Nossa boa terra: contos e crônicas da terra dos príncipes*. 2. ed. Joinville.

SGUISSARDI, W. (2002). *Tendências atuais na política de educação superior: o caso do Brasil*. Disponível em: <<http://www.unam.mx/roberto/brasil.htm>.

SILVA, J. G. da (1996). *As mulheres joinvilenses vistas através dos jornais: 1851-1900*. Joinville Monografia.

_____ (1995). *Boletim do Arquivo histórico de Joinville*. 13 ed. Joinville, Fundação Cultural/Arquivo histórico.

SOARES, C. L. (1994). *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados.

SOCIEDADE GINÁSTICA DE JOINVILLE (1958). *Livro Centenário da Sociedade Ginástica de Joinville 1858-1958*: Joinville.

SOUZA, E. P. M. de (2002). *Ginástica Geral: uma proposta para a educação física escolar e comunitária*. Disponível em <
http://orbita.starmedia.com/~artigos/elisabeth.htm. Acesso em 05jun.

TECHE, L. (1999). *O Turnen e a Educação Física nas Escolas Teuto-brasileiras, no RS: 1852-1940*. VII Congresso de História de Educação Física e Esportes e Lazer: Gramado.

TEIXEIRA, F. M. P. (1993). *História do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Ática.

TERNES, A. (2002). *A economia de Joinville no século 20*. Joinville: Letradágua.

_____ (1983). *História do jornal A Notícia: 1923 a 1983*. Joinville: A Notícia.

TOLEDO, C. N. (1983). *O governo Goulart e o golpe de 64*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense.

TRIVIÑOS, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas S. A. . .

UNIVILLE, (1991). *Projeto da Universidade da Região de Joinville*. Joinville-SC.

WEBER, M. (1999). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 13ed. São Paulo: Pioneira.

WIESER, L. (1995). *Boletim do arquivo histórico de Joinville*. Joinville Fundação Cultural/Arquivo histórico nº 13, ago/dez, Movimento & Arte.

ANEXOS

Anexo I

Parte do livro comemorativo da fundação da S. A. G. J

Anexo II

Resolução 69

Anexo III

Programa da disciplina de ginástica